



Ana Cláudia de Jesus Vasconcelos

**Escolha amorosa na conjugalidade contemporânea:
o encontro de duas subjetividades**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-graduação
em Psicologia Clínica

Rio de Janeiro

Março de 2019



Ana Cláudia de Jesus Vasconcelos

**Escolha amorosa na conjugalidade contemporânea:
o encontro de duas subjetividades**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora.

Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Cristina Ribeiro Teixeira Dantas

CCE/PUC-Rio

Profa. Célia Regina Henriques

Sem vínculo

Rio de Janeiro, 29 de março de 2019.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Ana Cláudia de Jesus Vasconcelos

Graduada em Psicologia pela PUC-Rio, mestre em Psicologia Clínica pela mesma instituição, especialista em Terapia de Família pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ. Membro do Laboratório de Estudos em Família e Casal – LEFaC (vinculado ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio). Atua principalmente nos seguintes temas: terapia de família, terapia de casal, conjugalidade, vicissitudes na clínica com família e casal.

Ficha Catalográfica

Vasconcelos, Ana Cláudia de Jesus

Escolha amorosa na conjugalidade contemporânea : o encontro de duas subjetividades / Ana Cláudia de Jesus Vasconcelos ; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2019.

64 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2019.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Escolha amorosa. 3. Satisfação conjugal. 4. Família de origem. 5. Individualidade. 6. Conjugalidade. I. Carneiro, Terezinha Féres. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

A Deus, pelo fôlego de vida e por proporcionar a colheita deste bom fruto.

À Terezinha Féres-Carneiro, por tamanha generosidade e grande dedicação ao transmitir seu amplo conhecimento. Agradeço por, de forma tão afetuosa, acreditar no desenvolvimento desta pesquisa e pelo incentivo a traçar caminhos de excelência.

À CAPES e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

Aos meus pais pelo cuidado, pelo suporte e pelo amor incondicional. Obrigada pelo apoio durante toda esta jornada.

À Cristina Ribeiro Dantas que, de forma incansável e paciente, esteve comigo na construção deste trabalho. Agradeço por transmitir conhecimentos tão profundos de maneira leve e agradável.

À Andrea Seixas Magalhães, por ser fonte de inspiração para meu percurso profissional. Agradeço pelo encorajamento e pela confiança.

À Célia Regina Henriques por estar presente ao longo de meu desenvolvimento acadêmico. Obrigada pelas valiosas contribuições na composição deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

A presente dissertação teve como objetivo investigar as motivações envolvidas no processo de escolha amorosa na conjugalidade contemporânea. Está sendo apresentada em formato de dois artigos. No primeiro, analisou-se como as dimensões da individualidade e da conjugalidade repercutem na satisfação conjugal; no segundo, foram discutidos os resultados referentes às repercussões da família de origem na escolha do cônjuge. Participaram deste estudo oito sujeitos (quatro homens e quatro mulheres), com idades entre 22 e 49 anos, casados ou em união estável, coabitantes, há pelo menos dois anos, sem filhos, pertencentes às camadas médias da população carioca. Os sujeitos foram escolhidos de forma independente e são de primeiro casamento. Para a avaliação das entrevistas, foi utilizado o método de análise de conteúdo, em sua vertente categorial, tal como proposto por Bardin (2011). Da avaliação do material emergiram duas categorias de análise: *escolha amorosa* e *satisfação conjugal*. Constatou-se que a conjugalidade dos pais serve de modelo para o casamento dos filhos. Observou-se, também, que a valorização da liberdade individual, a vivência da intimidade conjugal, abarcando aspectos relativos à amizade e ao afeto, e a flexibilidade em lidar com as dimensões individuais e conjugais são promotoras de satisfação conjugal.

Palavras-chave: Escolha amorosa; Satisfação conjugal; Família de origem; Individualidade; Conjugalidade.

Abstract

The present dissertation aimed to investigate the motivations involved in the process of love choice in contemporary conjugality. It is being presented in the form of two articles. In the first one, we analyzed how the dimensions of individuality and conjugality affect marital satisfaction; in the second, the results concerning the repercussions of the family of origin in the choice of the spouse and in the conjugal interaction were discussed. A qualitative research was carried out, in which four men and four women, with ages between 22 and 49, married or in a stable union, for at least two years, without children, were interviewed. To analyze the data the content analysis method was used in its categorial aspect, as proposed by Bardin (2011). From the evaluation of the material two categories of analysis emerged: *love choice* and *marital satisfaction*. It was found out that the results point to the conjugality of the parents as a model for the marriage of the offsprings. The study also observes that the appreciation of individual freedom, the experience of conjugal intimacy and the flexibility to deal with individual and conjugal dimensions are promoters of conjugal satisfaction.

Keywords: Love choice; Marital satisfaction; Family of origin; Individuality; Conjugality.

Sumário

1 – Introdução	7
2 – Individualidade e conjugalidade: repercussões na satisfação conjugal	11
2.1 – Método	14
2.2 – Resultados e discussão	16
2.3 – Considerações finais	30
3 – Escolha amorosa na conjugalidade: repercussões da família de origem	33
3.1 – Método	36
3.2 – Resultados e discussão.....	38
3.3 – Considerações finais	51
4 – Conclusão	53
Referências bibliográficas	55
Anexo 1 – Roteiro de Entrevista	62
Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	63

1 Introdução

Na contemporaneidade, os laços amorosos e as trocas íntimas são cada vez mais valorizados pelos indivíduos. Dessa forma, o casamento assume um importante lugar entre as relações significativas do indivíduo, funcionando como fator de promoção de saúde emocional dos cônjuges (Rosado & Wagner, 2015). Para Zordan, Falcke e Wagner (2009), a união conjugal é motivada, principalmente, por fatores subjetivos, predominando as expectativas referentes à qualidade da relação conjugal.

Em pesquisas sobre a escolha amorosa, diversos temas são destacados, tais como, o alto grau de expectativas projetado no parceiro e no relacionamento amoroso (Freitas, 2013), a sexualidade no casal (Thorstensen, 2017), a idealização de que os relacionamentos devem ser inteiramente satisfatórios e livres de conflitos (Bolze, Schmidt, Crepaldi & Vieira, 2013; Neumann & Wagner, 2017), a fragilidade das relações amorosas (Bauman, 2004), a influência da família de origem e dos mitos familiares na escolha do parceiro (Eiguer, 2009), entre outros.

Muitas variáveis estão presentes no momento da escolha do parceiro. Dentre elas, ressaltamos a influência da família de origem. Quissini e Coelho (2014) afirmam que os membros do casal são inconscientemente impulsionados no sentido da realização de mandatos familiares transmitidos. Andolfi (2002) salienta que a instituição familiar transmite um sistema de crenças e expectativas sobre o comportamento e os relacionamentos de seus membros. Por esta via de pensamento, Macedo (2017) destaca os mitos familiares, considerados modelos complexos que norteiam os comportamentos dos membros da família, não conscientes, transmitidos entre as gerações.

Neste sentido, os valores das famílias de origem influenciam fortemente os contratos e os modelos interativos que se desenvolvem no curso do ciclo vital da díade conjugal. Na formação do casal, portanto, é constituído um novo subsistema familiar, estruturado a partir de aspectos provenientes das experiências anteriores de cada um dos membros do casal (Zordan, Falcke & Wagner, 2009).

Na atualidade, notamos a passagem do modelo de família patriarcal, caracterizado pelo papel do homem como principal provedor do lar, com a mulher assumindo uma postura submissa, para o modelo da família contemporânea, na qual os cônjuges buscam cada vez mais igualdade de direitos e respeito recíproco. Gomes e Paiva (2003) pontuam que, para entender a vivência da conjugalidade, é necessário que se privilegie uma visão distanciada do modelo institucional de casamento, pois, afinal, o relacionamento amoroso

contemporâneo está associado às noções de mutabilidade e flexibilidade em relação ao novo e ao diferente.

Todavia, convém sublinhar que, apesar das transformações presentes na sociedade atual e vivenciadas pelo indivíduo contemporâneo, a mudança nas crenças e padrões de comportamento, ditados pela família de origem, não ocorre de forma linear. Neste processo, estão presentes contradições e paradoxos, bem como rupturas e permanência de valores, que acontecem de forma concomitante. Desse modo, crenças antigas e padrões de conduta atuais se misturam, gerando uma complexidade de configurações e modelos de família (Pereira & Silva, 2013).

De acordo com Giddens (1992), na sociedade ocidental ocorreram importantes transformações referentes à intimidade dos sujeitos. Tais transformações evidenciam-se na sexualidade, nos laços conjugais e nos papéis de gênero. O casamento contemporâneo requer um alto grau de intimidade entre os parceiros. Tal intimidade assume variadas configurações, além da intimidade sexual, tais como a intimidade social e a intimidade intelectual.

O mundo contemporâneo contempla condições socioculturais e econômicas de existência que representam um cenário competitivo, com valores instáveis e efêmeros. Nesse cenário, a individualidade toma um lugar central, promovendo indivíduos mais autônomos e, ao mesmo tempo, mais fragilizados (Bauman, 2004). Dessa forma, o dinamismo promovido pela contemporaneidade engendra mudanças de paradigmas e de valores de referência, capazes de interferir na construção subjetiva dos indivíduos e na organização dos vínculos (Zanetti & Gomes, 2013).

A fugacidade presente na concepção dos relacionamentos atuais se evidencia na emergência da superficialidade das relações, caracterizada pela paixão intensa, porém efêmera (Bauman, 2008a). Bauman (2004) define como amor líquido o reflexo da fragilidade dos vínculos humanos na atualidade. A sociedade contemporânea, portanto, constitui-se em uma sociedade líquida, caracterizada por relações fluidas e temporais, nas quais a velocidade e a simultaneidade dos laços atuam de modos variados. Nesse sentido, as relações permanecem enquanto oferecerem satisfação e contentamento para ambas as partes.

Com o surgimento do individualismo a partir da modernidade, o valor intrínseco de cada indivíduo é realçado e a liberdade individual se torna um elemento essencial para os laços sociais. Essa liberdade individual, apontada como um reflexo do individualismo,

repercute de forma direta na forma como a relação conjugal é vivenciada (Borges, Magalhães & Féres-Carneiro, 2014).

No casamento contemporâneo existe certa tensão entre individualidade e conjugalidade. Se, por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, por outro, é necessário, também, vivenciar a conjugalidade, com desejos e projetos comuns a ambos os cônjuges (Féres-Carneiro, 1998). Na relação conjugal, a partilha de territórios individuais está a serviço da satisfação e da realização de cada um dos cônjuges e, neste contexto, torna-se imprescindível o respeito à alteridade de cada membro do casal. Desse modo, valorizar as diferenças de cada parceiro e conferir um valor positivo a elas favorece o estabelecimento da satisfação conjugal.

Freitas (2013) destaca que existe um volume excessivo de expectativas depositadas no par conjugal e, conseqüentemente, uma menor tolerância face ao não cumprimento de tais expectativas, resultando, assim, em um crescente número de separações. Quando duas pessoas optam pela vida a dois, cada uma precisa se modificar internamente, no sentido de uma reorganização que inclui aspectos referentes à individualidade de cada cônjuge e à vivência da conjugalidade. Assim, é necessário tanto o respeito à alteridade do parceiro, quanto uma dedicação aos momentos a dois.

Vale observar que Rosado e Wagner (2015), ao realizarem uma revisão sistemática da literatura científica sobre satisfação e qualidade conjugal, constataram uma escassez de investigações nacionais sobre esta temática. As autoras pontuam que 90% dos trabalhos encontrados são internacionais. Diante deste cenário, consideram-se urgentes investigações que abarquem as diferenças culturais e também sociais da realidade brasileira. Realçamos, então, a importância de se estudar a satisfação conjugal de forma circunscrita às características sociais vivenciadas pelos casais, garantindo, assim, uma produção de conhecimento que permitirá intervenções mais afinadas às reais demandas dos membros dos casais brasileiros. Além disto, é de suma importância que sejam realizadas pesquisas sobre as motivações envolvidas no processo de escolha amorosa, a fim de amplificar a compreensão sobre o que fundamenta a aproximação afetiva das pessoas na contemporaneidade (Gouveia, Gonçalves, Gomes, Freires & Coelho, 2014).

Dessa forma, este estudo tem por objetivo investigar as motivações envolvidas no processo de escolha amorosa na conjugalidade contemporânea. Ele será apresentado em formato de dois artigos intitulados: “Escolha amorosa na conjugalidade contemporânea:

repercussões da família de origem” e “Individualidade e conjugalidade: repercussões na satisfação conjugal”.

2 Individualidade e conjugalidade: repercussões na satisfação conjugal

Resumo

Este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre escolha amorosa na conjugalidade contemporânea e tem como objetivo investigar como a individualidade e a conjugalidade repercutem na satisfação conjugal. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados quatro homens e quatro mulheres, casados ou em união estável, coabitantes, há pelo menos dois anos, sem filhos. Para análise dos dados foi utilizado o método de análise de conteúdo. Das falas dos participantes emergiu a categoria *satisfação conjugal* e suas subcategorias *liberdade individual*; *intimidade*; e *manejo entre a individualidade e a conjugalidade*. Constatou-se que a valorização da liberdade individual, a vivência da intimidade conjugal e a flexibilidade em lidar com as dimensões individuais e conjugais são promotoras de satisfação conjugal.

Palavras-chave: Individualidade; Conjugalidade; Intimidade; Satisfação conjugal.

Abstract

This study is part of a wider research on love choice in contemporary conjugality and aims to investigate how individuality and conjugality affect marital satisfaction. A qualitative research was carried out, in which four men and four women, married or in a stable union, cohabitants, for at least two years, without children, were interviewed. To analyze the data the content analysis method was used. From the participants' speech the category *marital satisfaction* and its subcategories *individual freedom*; *intimacy*; and *managing individuality and conjugality* emerged. It was found out that the appreciation of individual freedom, the experience of conjugal intimacy and the flexibility to deal with individual and conjugal dimensions are promoters of conjugal satisfaction.

Keywords: Individuality; Conjugality; Intimacy; Marital satisfaction.

Na contemporaneidade, o casamento assume um lugar relevante entre as relações significativas validadas pelos indivíduos (Rosado & Wagner, 2015). O enlace conjugal representa uma relação de intensa significação na vida das pessoas, envolvendo um

grande investimento afetivo, bem como um alto grau de intimidade. Para Campos, Scorsolini-Comin & Santos (2017), o casamento ocorre no contexto socio-histórico e familiar no qual o indivíduo está inserido e se inscreve em meio às relações psicossociais complexas que ele internaliza ao longo do processo de socialização. Scorsolini-Comin (2014) ressalta que o casamento é caracterizado pela constituição de um espaço simbólico, em que as experiências dos parceiros sedimentam modelos de interação social que são significativos para o casal.

No casamento, os parceiros buscam manter um equilíbrio entre proximidade e distância, entre o desejo de pertencer ao outro e a autonomia. A constituição e a manutenção do casamento são intensamente influenciadas pelos valores do individualismo. No relacionamento conjugal contemporâneo, valoriza-se a autonomia e a satisfação de cada um dos membros do casal, ao passo que os laços de dependência entre eles se afrouxam. Por outro lado, o casamento requer a criação de uma identidade conjugal, constituída a partir de uma zona comum de interação. O casal conjugal hoje está inserido em um movimento eminentemente paradoxal, que abrange duas tendências antagônicas: individualidade e conjugalidade. Enquanto a primeira tendência consiste na crescente importância da individualidade, a segunda se expressa na primazia do campo relacional e íntimo dos parceiros (Féres-Carneiro, 1998).

O processo de individualização da sociedade contemporânea tem suscitado modos de vinculação social que se refletem diretamente na natureza das relações amorosas. Nas sociedades antigas, o enlace conjugal consistia, sobretudo, na aliança entre famílias. Na modernidade, já sob influência do individualismo, o casamento tornou-se mais carregado de afetividade e de intimidade (Martucelli & Singly, 2012). Nesse contexto, podemos observar também o aumento das expectativas depositadas no parceiro, podendo exacerbar o sentimento de frustração quando as mesmas não são atendidas.

Para Giddens (1992), as transformações mais importantes ocorridas na sociedade ocidental dizem respeito à intimidade dos sujeitos e estão acontecendo nos papéis de gênero, na sexualidade, nos enlaces conjugais e na família. A transformação da intimidade ressalta aspectos referentes ao ideal do amor romântico e da autorrealização, valorizando o relacionamento amoroso ao mesmo tempo em que afasta os indivíduos das relações sociais mais amplas. À medida que prevalece maior igualdade profissional, econômica e sexual, a relação amorosa se mantém, enquanto ambos os cônjuges assim desejarem. Ao longo da história do ocidente, casamento e satisfação tornaram-se estreitamente interdependentes.

De acordo com Foucault (1988), a sexualidade é profundamente suscetível às influências sociais e culturais, sendo considerada produto de forças sociais e históricas. O declínio do controle sexual dos homens sobre as mulheres permitiu reais possibilidades de transformação da intimidade. Esta intimidade pode, então, ser vivenciada como uma negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais.

López (2018) ressalta que as mudanças socioculturais, entrelaçadas nos movimentos econômicos e tecnológicos do mundo atual, geraram crises às antigas estruturas. O casamento, mais que uma instituição formal, tem se apresentado como uma instância de desejo, um interesse em formalizar a relação e uma necessidade de afirmação do vínculo de intimidade. Essa intimidade, de acordo com Giddens (1992), está associada à possibilidade de negociação dos laços pessoais de igual para igual, na medida em que os relacionamentos íntimos se caracterizam pelo desenvolvimento do *self* como algo prioritário. Nota-se, também, que a velocidade das relações cibernéticas interfere na construção da intimidade entre os parceiros, provocando instabilidade e volubilidade nos relacionamentos amorosos (Costa & Mosmann, 2015).

O casamento contemporâneo baseia-se, sobretudo, na busca pela felicidade, pelo amor e pela satisfação. A convivência cotidiana em um relacionamento apresenta alguns desafios aos membros do casal. Tais desafios estão relacionados a questões familiares, sociais e profissionais, bem como à necessidade de um equilíbrio das demandas individuais e conjugais. A valorização cultural da felicidade e bem-estar individuais, faz com que os indivíduos somente permaneçam em um relacionamento enquanto encontrarem nele níveis moderados a altos de satisfação (Mosmann, Levandowski, Costa, Zordan, Rosado & Wagner, 2015).

Para Scorsolini-Comin e Santos (2011), a satisfação conjugal seria influenciada pelos aspectos emocionais dos membros do casal, ou seja, o modo como os cônjuges manifestam sua afetividade na relação estaria diretamente ligado à avaliação positiva ou negativa do casamento. Dessa forma, quanto mais os cônjuges apresentam elaboração de seus aspectos emocionais e expressão adequada da afetividade, maior a tendência de terem uma avaliação positiva do relacionamento, em termos de satisfação.

É importante, também, destacar que uma relação conjugal considerada satisfatória não necessariamente é uma relação isenta de conflitos, uma vez que o conflito é inerente aos relacionamentos humanos, ou seja, é um fenômeno característico da vida e que pode proporcionar oportunidades inéditas e transformações aos envolvidos (Bolze, Schmidt, Crepaldi, & Vieira, 2011). Desse modo, o aprendizado de estratégias construtivas de

manejo dos conflitos pode ser considerado um fator de proteção ao relacionamento conjugal (Neumann & Wagner, 2017).

A importância de se ter um relacionamento amoroso com qualidade de convivência reflete em uma busca contínua por uma condição de bem-estar e felicidade no casamento. Contudo, é preciso que os cônjuges compreendam que, para viver a dois, é necessário esforço, trabalho conjunto e vontade de partilhar as experiências, entendendo que irão existir momentos de crise e divergência de opiniões. Dessa forma, é importante que parceiros se corresponsabilizem na constituição de um relacionamento com níveis positivos de qualidade conjugal (Mosmann et. al., 2015).

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo investigar como as dimensões da individualidade e da conjugalidade repercutem na satisfação conjugal. Buscamos, assim, colaborar para a reflexão acerca do complexo enredo que compõe o convívio da individualidade com a conjugalidade, trazendo, também, subsídios para a prática clínica com casais.

2.1 Método

Participantes

A fim de investigar a escolha amorosa na conjugalidade contemporânea, foram entrevistados oito sujeitos (quatro homens e quatro mulheres), com idades entre 22 e 49 anos, casados ou em união estável, coabitantes, há pelo menos dois anos, sem filhos, pertencentes às camadas médias da população carioca. Os sujeitos foram escolhidos de forma independente e são de primeiro casamento. Escolhemos entrevistar sujeitos sem filhos, pois a vivência da parentalidade estabelece uma outra dinâmica conjugal. A Tabela 1, onde M designa mulheres e H homens, apresenta a descrição do perfil dos participantes. Para apresentação dos resultados, as entrevistadas foram nomeadas de M1 a M4 e os entrevistados de H1 a H4, colocando-se, em seguida, a idade de cada um.

Tabela 1
Características biográficas dos entrevistados

Participante	Idade	Tempo de casamento (em anos)	Profissão	Religião
M1	22	2	Assistente farmacêutica	Católica

M2	36	10	Agente de Saúde	Católica
M3	28	4	Produtora editorial	Sem religião
M4	23	2	Empresária	Evangélica
H1	32	8	Gerente de loja	Sem religião
H2	33	11	Gestor	Evangélico
H3	49	24	Gerente de Recursos Humanos	Sem religião
H4	29	2 anos e 6 meses	Contador	Evangélico

Instrumentos e procedimentos

Como instrumento de investigação, foram realizadas entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra. O roteiro semiestruturado das entrevistas foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema escolha amorosa e satisfação conjugal, contemplando questões abertas, elaboradas com base nos seguintes eixos temáticos: escolha amorosa; cotidiano do casal; conflitos conjugais; intimidade e satisfação conjugal. As entrevistas tiveram a duração de 40 a 90 minutos, e o local, data e horário foram agendados de acordo com a disponibilidade dos participantes. O acesso aos participantes ocorreu por meio de indicações, configurando, portanto, uma amostra de conveniência.

Cuidados éticos

O projeto que deu origem a este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição onde foi desenvolvido, sob o número 07/2018. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando o uso dos resultados da investigação em ensino, pesquisa e publicação, e foram informados de que a sua identidade e a de seus familiares seriam preservadas.

Análise dos dados

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelos entrevistados aos fenômenos (Bardin, 2011). Foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado.

O presente trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla, cujo objetivo foi investigar as motivações envolvidas no processo de escolha amorosa na conjugalidade contemporânea. Das narrativas dos participantes, emergiram duas categorias de análise: *escolha amorosa* e *satisfação conjugal*. Para atingir o objetivo formulado no trabalho que ora apresentamos, discutiremos a categoria *satisfação conjugal* e suas subcategorias *liberdade individual*, *intimidade* e *manejo entre a individualidade e a conjugalidade*. A categoria *escolha amorosa* será discutida em outros trabalhos a serem divulgados.

2.2 Resultados e discussão

Satisfação conjugal

A satisfação conjugal é composta por diferentes variáveis, desde características de personalidade dos parceiros e experiências oriundas de suas famílias, até a forma como eles constroem seu relacionamento (Scorsolini-Comin e Santos, 2010). Para os membros do casal, seu relacionamento se mantém satisfatório enquanto os desejos e as necessidades de ambas as partes são atendidos. A satisfação no casamento envolve sensações e sentimentos de bem-estar, prazer, afeto, sexo, presença ou não de filhos, tempo que o casal passa juntos, como vivenciam os conflitos, companheirismo, segurança etc. (Mosmann et. al., 2015). Neste estudo, a investigação sobre a satisfação conjugal terá por base a avaliação das interações entre a individualidade e a conjugalidade. A partir da narrativa dos participantes, a categoria *satisfação conjugal* foi desdobrada em três subcategorias: *liberdade individual*; *intimidade conjugal* e *o manejo entre a individualidade e a conjugalidade*.

Liberdade individual

De acordo com Borges, Magalhães e Féres-Carneiro (2014), preservar a identidade individual é resguardar singularidades, ou seja, permitir que o que há de autêntico, em cada um, possa se manifestar. A liberdade individual é considerada um reflexo do individualismo e influencia diretamente na forma como a conjugalidade é vivenciada. No presente estudo, a liberdade individual foi descrita pelos participantes como ‘ter seu espaço’ e ‘poder ter amigos’. Os participantes destacam a importância da liberdade individual na vida a dois, ressaltando a valorização das individualidades. A

possibilidade de viver a individualidade é apontada como essencial para a satisfação conjugal, bem como para a manutenção do casamento.

“O que eu esperava encontrar na C... Dentro daquela questão de identidade que eu falei, de cada um conseguir manter sua identidade, eu acho que a liberdade, e eu encontrei isso nela. De ela ter essa liberdade, dar valor a essa liberdade, dar importância e também a minha liberdade, não querer que eu seja totalmente igual a ela. A gente fazia muitas coisas juntos, gostava de fazer coisa juntos, mas cada um tinha o seu espaço, né, cada um tinha momentos em que tinha que fazer coisas juntos e isso se perpetua, até hoje é assim. Então, eu acho que o que eu esperava era ter condição de construir uma vida com liberdade e eu encontrei isso, talvez seja um dos fatores que fez a gente conseguir estar juntos esses 24 anos” (H3, 49 anos).

“A gente convivendo e eu vendo que, cara, tendo a oportunidade de ter um relacionamento saudável. No sentido de: não brigo porque eu tenho um amigo homem. Eu viajo para apresentar trabalho desde a graduação e ele nunca reclamou, falava que gostava, não estava incomodando, não se importava. A gente casou em maio, em julho viajei, fiquei uma semana na universidade. Sabe, nunca se importou. Então, assim, essas coisas, eu penso que é o que mais me move a ficar com meu marido” (M4, 23 anos).

As narrativas acima sugerem que a liberdade individual é extremamente valorizada pelos participantes. Ter liberdade para a manifestação das singularidades contribui para o estabelecimento da satisfação conjugal. O casamento contemporâneo sofre grande influência dos valores do individualismo. Os ideais de relação conjugal reforçam cada vez mais a liberdade, a autonomia e a satisfação de cada cônjuge. Notamos que a afetividade está ligada às transformações societárias típicas da modernidade, de modo a contribuir para a construção da noção de indivíduo e, sobretudo, para a noção de sujeito. O direito de ser absolutamente si mesmo e de aproveitar a vida ao máximo é, certamente, intrínseco a uma sociedade que institui o indivíduo livre como valor principal. A transformação dos estilos de vida ligados à revolução de consumo permitiu este desenvolvimento dos direitos e dos desejos do indivíduo. Assim, dizer que uma sociedade

é contemporânea significa afirmar a legitimação do hedonismo individualista e personalizado (Alves & Seixas, 2015).

Gadea e Leite (2016) afirmam que, na modernidade, desenvolveu-se uma noção de individualidade que não possui correspondência nas sociedades tradicionais. Diferentemente do que prevalecia no paradigma dessas sociedades, nas sociedades modernas, as ações tornaram-se centradas no indivíduo, em sua subjetividade e em sua singularidade, ou seja, no ser humano como sujeito individual. Desse modo, diferentemente das sociedades tradicionais, o indivíduo não é mais visto, a priori, como parte de um todo, mas visto por seu caráter individual. Independentemente da realização ou do papel que o indivíduo desempenhe na sociedade, seu ponto de base é dentro de si mesmo. Ele é, portanto, identificado mediante seus traços, que o distinguem dos outros.

Na busca pela felicidade, muitas pessoas consideram que esta só é possível por meio de uma vida que conjuga períodos de convívio social com momentos de solidão. Dessa forma, é preciso associar a vida conjugal a uma vida pessoal. De acordo com Borges et al. (2014), com o surgimento do individualismo a partir da modernidade, é instaurado um modo de vida social no qual o valor intrínseco de cada indivíduo se sobressai e a liberdade individual se torna um elemento importante para os laços sociais que se constituem. Diferentemente do que foi exposto anteriormente, um dos participantes aponta a dificuldade de exercer sua liberdade no casamento, salientando impasses na vivência da conjugalidade.

“Ah, difícil, né, você viver com uma pessoa diferente de você... É difícil, não é fácil. Muitas coisas você tem que abrir mão, isso é diferente de quando você é solteiro. Você sai ali, sai a hora que quer, faz o que quiser, não tem ninguém para ficar te controlando. Então, quando você tem uma pessoa, você tem que dar satisfação, enfim, conversar, né (...). É assim, não adianta, quer casar com uma pessoa, é muito difícil as pessoas serem iguais, então, sempre tem uma coisa diferente da outra. Ela gosta de uma música, eu gosto de outra e, enfim, mas cada um tem que abrir um espaço para o outro entrar, né, se não, dá choque. O que eu tenho para te falar é que a vida a dois é difícil” (H1, 32 anos).

Ao pontuar que é necessário 'abrir mão', 'dar satisfação' e 'ter que abrir um espaço para o outro entrar', percebemos como o imaginário social contemporâneo em torno da

relação conjugal encontra-se alicerçado nos valores oriundos da individualidade. Desse modo, o individualismo influencia sobremaneira as relações amorosas e o casal conjugal pode encontrar dificuldade em administrar o confronto entre individualidade e conjugalidade. Em estudo realizado por Borges et al. (2014), constatou-se que a liberdade individual é um fator necessário à formação do vínculo. Notamos, portanto, que o valor conferido à liberdade vem modificando os parâmetros a partir dos quais se avalia a satisfação conjugal. Mosmann et. al (2015) postulam ter havido um aumento na complexidade no que tange à satisfação na vida a dois.

De acordo com Galvão, Alencar e Alves (2017), atualmente, as relações amorosas são caracterizadas por elementos como liberdade, individualidade, busca do prazer, superficialidade, transitoriedade, ausência de compromisso e efemeridade. Nestes relacionamentos cada vez mais hedonistas e superficiais, o lugar do outro pode tornar-se problemático, uma vez que o parceiro, muitas vezes, é visto como um meio para se alcançar a autossatisfação, bem como alguém que pode cercear a liberdade individual (Chaves, 2016).

No presente estudo, observamos que a liberdade do indivíduo também é manifestada quando ele tem a possibilidade de escolher estar casado ou não. No relato abaixo, percebemos que poder fazer escolhas é justamente desfrutar de liberdade, deixando emergir a individualidade de cada um (Borges et al., 2014).

“Porque eu não tenho nenhuma dependência dele, nenhuma. E não é só em termos financeiros, assim, eu acho que todo dia eu escolho estar com ele, todo dia eu escolho amar, todo dia eu escolho estar junto, porque eu acho que o amor não é isso assim que as pessoas ensinam, essa utopia que a gente acha que vai ser feliz só por estar do lado da pessoa, não. Acho que é uma escolha, você escolhe amar, você escolhe agradar. Então, assim, estar com o L hoje, para mim, é uma escolha” (M4, 23 anos).

Segundo Gadea e Leite (2016), o casamento tornou-se independente dos laços econômicos, sendo, então, considerado uma escolha individual e autônoma dos cônjuges, pautada em laços de afeto e de afinidade. A independência financeira das mulheres, a partir de sua entrada no mercado de trabalho difere-se da realidade vivida na sociedade patriarcal de outrora, onde o casamento representava a principal forma de sustento financeiro feminino (Roudinesco, 2003).

Assim, a possibilidade de escolha amorosa pode, por um lado, representar maior independência, mas, por outro, também pode fragilizar a relação, uma vez que a escolha está pautada primordialmente no desejo e na busca da felicidade. A esse respeito, Bauman (2004) destaca a sociedade contemporânea como uma sociedade líquida, caracterizada por relações fluidas e temporais, nas quais a velocidade e a simultaneidade dos laços atuam de modos variados. Na lógica desta liquidez, o outro é visto como aquele que irá satisfazer os desejos pessoais de seu parceiro, suscetível ao descarte no momento em que não mais proporcionar vantagens ou benefícios.

A diversificação da vida social nas grandes cidades, decorrente do aumento das possibilidades de trocas culturais entre indivíduos, gera a ampliação das possibilidades de escolha das pessoas sobre a vida que pretendem ter. Poder fazer escolhas é justamente desfrutar de liberdade, deixando emergir a individualidade de cada um (Borges et al., 2014). A liberdade a dois vem se apresentando como síntese da confluência entre o sujeito e as múltiplas demandas da vida conjugal. Hoje, as fantasias de ser sujeito de desejo e de possibilidades requerem seu espaço no cotidiano do casal. No encontro de ideais e de escolhas, cada membro da relação vivencia o vínculo enquanto unidade conjugal e como realização pessoal. Estar a dois passa a ser uma escolha de sua própria liberdade, mas que dialoga com os limites da liberdade do outro (López, 2018).

Intimidade conjugal

Ao serem indagados sobre a intimidade, a maioria dos participantes do presente estudo respondeu sobre a intimidade do relacionamento como um todo. Alguns participantes mencionaram a intimidade sexual, porém, de forma mais breve e sucinta. Atualmente, percebe-se que a relação sexual é descentralizada de sua característica de reprodução, passando a associar-se à intimidade, proporcionando satisfação aos indivíduos (Carrara, 2015). Nesta relação de intimidade, portanto, estão presentes liberdade de escolha, compartilhamento de sentimentos, satisfação mútua e confiança, estando o sexo interligado com a amizade e o afeto.

“Ah, acho que é bem tranquila, né, a nossa intimidade. A gente fica bem à vontade conversando um com outro. Antes de dormir também conversa bastante, acho que em momentos de carinho, momentos de atenção. Ah, a intimidade sexual é... Como eu posso dizer... É natural, praticamente é natural (...). Aí, você faz aquela brincadeira para acender a chama do

casal, né. Isso aí vai de ambos, ela também, dos dois lados, também vai se fazendo até que se consuma o ato. E é satisfatório, muito. Muito satisfatório” (H2, 33 anos).

“Intimidade em que sentido? Ah é ótima... (risos). E aí junto, a gente tem muita liberdade um com o outro. A gente brinca muito. Não é só aquele casal que na cama faz alguma coisa diferente não. Ah, às vezes eu estou cozinhando, ele vem atrás fica brincando, fica pelado, fica zoando, sabe. Então, a gente tem intimidade não somente, é... Que é boa no sentido do sexo mesmo, e no sentido do dia a dia. A gente é muito íntimo de falar tudo um para o outro, de conversar sobre tudo, de falar a besteira que quiser falar, de fazer a besteira que quiser fazer. Então cada dia que passa, que a gente vai se conhecendo mais, está ficando melhor o sexo. Ele não pensa nele, então ele pensa em me satisfazer, entendeu. E ele me vê satisfeita, aí que vai querer se satisfazer” (M4, 23 anos).

“É... Assim, pensando em intimidade, eu usaria essa palavra para dizer o que eu faço com ela e o que eu não faço com ninguém. Então, assim, dar a mão, né, acho que na rua, dar a mão, abraçar de forma diferente, é, em casa, é... Estamos sozinhos, né, é o quê? Trazer prazer um ao outro, né. Então, aquela coisa da unidade, e o casamento é isso. O sexo ele tem muito disso, né, ele, o relacionamento me parece que é para ser isso. Na intimidade sexual... Trazer prazer um ao outro. Satisfazer, satisfazer a pessoa. Então, é aprender isso e doar, né, não focar simplesmente em você, trazer a satisfação ao outro, né” (H4, 29 anos).

Quando indagados sobre a intimidade, a maioria dos participantes relata sobre diferentes tipos de intimidade entre o casal. A partir dos relatos, observamos que a intimidade sexual parece estar diluída nas demais dinâmicas de intimidade entre os membros do casal. Tais resultados remetem às pontuações de Schaefer e Olson (1981) que ressaltam a intimidade como produto da revelação de assuntos íntimos e do compartilhamento de experiências. A intimidade pode assumir diversas configurações, tais como intimidade sexual, intimidade social e intimidade intelectual.

Na contemporaneidade, o casamento requer um alto grau de intimidade entre os parceiros. De acordo com Fontainhas (2016), as formas de se vivenciar a intimidade e a sexualidade relacionam-se com o contexto cultural e social em que se inserem. E o contexto atual é marcado por uma intensa desinstitucionalização das relações, acompanhada por uma sobrevalorização da afetividade e da intimidade, refletindo-se, assim, nas práticas sexuais dos casais (Giddens, 1992).

A intimidade, além de remeter às práticas de estreita associação e familiaridade, engloba, também, fortes ligações emocionais positivas, como o sentimento de amor, uma intensa proximidade e o sentimento de sentir-se especial para o outro. No final do século XVIII e início do século XIX, surge o modelo do amor romântico que, dentre outros fatores, enaltece a importância da sexualidade e do sexo. Esse novo modelo de amor introduziu a ideia da construção de uma narrativa partilhada e individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos. O amor romântico postulava o princípio do “para sempre” e permitiu estabelecer o encontro entre dois sentimentos - amor e liberdade - o que possibilitou ao indivíduo o sentimento de autorrealização (Fontainhas, 2016).

Na atualidade, a nova configuração do estatuto social da mulher e a capacidade adicional de se estabelecerem relações íntimas igualitárias entre homens e mulheres levam ao surgimento de um novo projeto amoroso: o amor confluyente ou plástico. Tal projeto apoia-se nos processos de mudança social do final do século XX, que contribuíram para uma alteração na natureza da intimidade. Giddens (1992) discorre sobre a ascensão deste amor que, ao se caracterizar por ser ativo, rompe com os ideais de único e eterno do amor romântico. No amor confluyente, as relações supõem uma troca emocional e sexual e uma entrega igual entre os parceiros. Neste contexto, os indivíduos passam a buscar não a pessoa especial, mas o relacionamento especial. Aqui, o prazer sexual torna-se fundamental para a relação, contribuindo para sua manutenção ou para sua dissolução.

No presente estudo, a intimidade não parece estar circunscrita à sexualidade, transbordando para aspectos referentes à parceria e à cumplicidade entre os cônjuges. A intimidade conjugal envolve uma complexidade de aspectos, pois engloba as dimensões sexual, intelectual, social e lazer, além do afeto e da amizade (Fontainhas, 2016).

“A intimidade sexual é boa, mas não como deveria para um casal jovem. Às vezes, a gente fica um mês sem transar. Isso é um ponto que a gente levanta

o tempo inteiro. Porque, assim, não é uma coisa minha, não é uma coisa dele. É uma coisa, 'por que que, às vezes, a gente fica... Será que é porque a gente já está há algum tempo, será que desgastou, será que a gente não está, é... Sei lá, fazendo coisas diferentes'. Já aconteceu de ficar um mês sem. Eu acho que não é tão, não digo saudável a palavra, mas não é tão assíduo quanto deveria para um casal jovem, que está casado há pouco tempo. E tem bastante diferença, assim, do início, era mais. Mas, assim, como é que muda também, é uma coisa minha, uma coisa dele, uma coisa dos dois, sabe, assim. Isso é uma coisa que a gente senta para conversar com certa frequência, mas não muda, continua” (M3, 28 anos).

“Antigamente você está saindo da juventude, vida adulta ali, novo, você pensa que a pessoa vai fazer sexo à vontade, direto, mas acho que quando você é casado isso é totalmente diferente. Isso acaba, é totalmente diferente, uma coisa que você tem que entender é o corpo da mulher também. Assim, o lado da mulher, porque nem sempre a pessoa está disposta, naquele dia, de fazer, ter relações sexuais com o seu par. Então, você tem que entender isso. Não adianta o homem querer forçar uma coisa que no dia a dia ela não quer” (H2, 33 anos).

“Acho até que a gente hoje está numa temperatura até média, em termos sexuais, é... Não consigo creditar se é pelo tempo de casado ou se pelo momento em que os problemas, talvez, estejam um pouquinho mais gritantes, né, por conta de uma série de fatores, então, eu acho que ele está meio morno.” (H3, 49 anos).

“Bom, ultimamente está cansativo, a gente está num momento de estresse muito alto, eu estou me mudando e tal, é difícil um pouco, mas o sexo é bom, é ótimo, muito bom” (H1, 32 anos).

As narrativas relacionam a diminuição da frequência das relações sexuais ao tempo de casado, aos altos níveis de estresse e às questões de gênero (a mulher mais indisponível). Segundo Thorstensen (2017), a indisponibilidade sexual da mulher não é um fenômeno atual, pelo contrário, ela surge como queixa masculina há muito tempo,

aparecendo como motivo de discordâncias entre homens e mulheres. Contudo, essa indisponibilidade reaparece com outras roupagens no mundo contemporâneo e, também, com novas formas de lidar com ela. As dificuldades sexuais conjugais são diversas e a indisponibilidade sexual da mulher é apenas um exemplo delas. Observamos, portanto, que há mais intimidade e menos sexo.

A partir dos relatos dos participantes, notamos que a frequência da relação sexual vem diminuindo com o tempo. Na linha destas considerações, os relatos masculinos ressaltam ‘temperatura média, em termos sexuais’ e ‘não adianta o homem querer forçar’, levando-nos a indagar para onde a sexualidade poderia estar sendo deslocada: para uma dinâmica fundamentada na amizade, para as demandas contemporâneas de trabalho e de consumo que sobrecarregam os indivíduos? Será que o sexo deixou de ser uma prioridade na vida a dois?

De acordo com Thorstensen (2017), a sexualidade é a característica que define casamento e vida adulta em comum. O amor-sexual, amor-paixão, como fundamento do casamento, surge na modernidade, no bojo da revolução burguesa e nas ideias de liberdade individual. Em torno do novo ideal de conjugalidade são criadas expectativas e idealizações, entre elas, a ideia de casamento como lugar de felicidade onde o amor e a sexualidade são essenciais. Observamos que algumas narrativas apontam para uma expectativa elevada que não corresponde à realidade do que é vivido.

A vida a dois e a vivência dos afetos e da sexualidade são fortemente influenciadas pelas circunstâncias históricas, sociais, normativas e econômicas em que se inserem. Em um estudo realizado por Heilborn (2006), a respeito dos comportamentos sexuais vivenciados por homens e mulheres de 18 a 24 anos, constatou-se que o sexo como uma necessidade física tem pequena proporção de aceitação entre mulheres de maior escolaridade e é mais aceito em moças com menor nível de escolaridade. Mas, na comparação dos dados dos jovens com alta escolaridade, observa-se uma diferença de gênero muito importante. Os homens altamente escolarizados, pertencentes às camadas médias e médias altas da sociedade, são os que melhor expressam a ideologia de gênero do sexo masculino, que associa o sexo a uma necessidade física e a uma força incontrolável, o que contrasta com as mulheres do mesmo grupo social. São exatamente os privilegiados que vão rejeitar uma perspectiva mais relacional da sexualidade, afirmando valores tradicionais da supremacia do desejo masculino.

Na atualidade, os relacionamentos amorosos passam por uma ressignificação de modelos e pela subjetivação do indivíduo por padrões diferentes de individualidade. Com

o advento da cibercultura, há um crescente desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, o que contribui para a difusão de diversas formas de se relacionar amorosamente. A mídia passa a regular a forma de se comunicar e a ditar o comportamento nas relações entre os indivíduos (Paura & Gaspar, 2017). Dessa forma, a facilidade e a velocidade das relações cibernéticas proporcionam aos indivíduos possibilidades de encontros isentos de compromisso. É possível, então, pensar que o ímpeto do ato sexual esteja mais fortemente presente neste contexto de comportamentos hedonistas, de busca pelo prazer, próprios das relações tênues e efêmeras proporcionadas por sites e aplicativos de encontros amorosos. O sexo, portanto, parece estar presente mais ativamente fora do casamento.

Trata-se, portanto, de um período de mudanças sociais, econômicas e culturais que reverberam no indivíduo e nas relações conjugais. É um momento de transição desafiador que, na esfera conjugal, Giddens (1992) denominou de amor fluido, ou seja, aquele que se nutre da satisfação mútua. O surgimento da sexualidade plástica cooperou, em grande medida, para a emancipação de uma determinada forma de intimidade: a relação pura. Esta é cada vez mais procurada na vida pessoal e encontra-se ligada ao amor confluyente (Giddens, 1992). A relação pura permanece enquanto for compensatória e satisfatória para ambas as partes. Isto pressupõe a partilha, o compromisso e a confiança mútua. A modernidade é atravessada pela desinstitucionalização das relações, com o incremento da individualidade e da fluidez nos relacionamentos (Bauman, 2004). Esta partilha de territórios individuais está a serviço da satisfação e da realização de cada um dos parceiros. Para Fontainhas (2016), o desempenho sexual poderá contribuir para a realização dos indivíduos enquanto casal. Neste sentido, Carvalho (2014) ressalta que a satisfação sexual se constitui em elemento importante no estabelecimento da satisfação conjugal.

A partir da narrativa de uma das participantes, observamos que o excesso de intimidade, por vezes, pode influenciar negativamente no estabelecimento da intimidade sexual, ressaltando a necessidade de um equilíbrio entre intimidade e erotismo.

“Ah, normal, eu não tenho vergonha, ele também não, a gente, assim, ele até me cobra muito. Porque eu chego em casa, tomo banho, aí, eu tiro minha roupa, lavo, boto lá na corda, desço e fico pelada. Aí ele fica assim: C, daqui um dia eu não vou ter mais tesão, todo dia eu olho está a mesma. Aí ele: bota uma calcinha, bota uma roupa. Eu falei: mas para quê? Às vezes, ele me

cobra essas coisas. Aí quando eu vou dormir, ele fala: C, por que não bota uma calcinha? Eu: ah, não vou botar não. Ele me cobra essas coisas. Porque todo dia ele chega, às vezes, eu estou em casa fazendo as coisas, quando eu faço as coisas, eu faço pelada. Ele fala que eu sou maluca” (M2, 36 anos).

A partir da fala da entrevistada, notamos que o excesso de intimidade pode cooperar para a diminuição do erotismo entre os parceiros. Segundo Fleury e Abdo (2016), embora existam diferenças no funcionamento sexual de homens e mulheres, sensíveis a fatores motivacionais, emocionais e contextuais, a atração mútua é um dos principais fatores para a qualidade do relacionamento e, conseqüentemente, para a vivência da sexualidade e satisfação conjugal. De acordo com as autoras, o fortalecimento da intimidade emocional tem sido relacionado à saúde do relacionamento e da vida sexual, a capacidade de compartilhamento de preferências sexuais está associada ao melhor desempenho e à satisfação sexual de homens e mulheres. Contudo, o interesse sexual depende do equilíbrio entre o compartilhamento de intimidades pessoais e cotidianas e do erotismo, pois, quando há excesso de intimidade, muitos casais deixam de abordar questões sexuais, tentando evitar constrangimentos no vínculo. Dessa forma, pode ocorrer a diminuição do erotismo devido à grande proximidade afetiva entre os parceiros, caracterizando um desequilíbrio nesta esfera relacional.

Manejo entre a individualidade e a conjugalidade

Os participantes pontuam as atividades que fazem juntos e separados, elucidando como as dimensões da individualidade e da conjugalidade se manifestam em seu relacionamento conjugal. O casal contemporâneo é confrontado pelas tensões entre individualidade e conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998). Apesar dos diferentes interesses individuais, as narrativas realçam a valorização dos momentos a dois do casal, salientando o cultivo e a nutrição da conjugalidade.

“O que fazemos juntos.... As coisas mais simples, o passear, o fazer nada, a gente curte muito vida cultural e isso eu acho que a gente acha em comum. Ah, eu acho que a gente faz mais coisa separados do que juntos, sabia. É... Eu sou do samba e a C não é do samba. Cada um tem suas preferências. Então, eu vou para o samba, quando ela está a fim, ela vai junto, quando não, eu vou sozinho e não tem problema nenhum. É... A C é maratonista e ela

adora correr, eu aprendi a gostar. Ela viaja pelo mundo todo fazendo corrida e é o barato dela. Ela é mais da manhã, eu sou mais da noite. Então, ela acorda cedo para correr e eu durmo tarde por causa do samba” (H3, 49 anos).

“Dia a dia a gente faz as refeições juntos, vemos série. E fim de semana a gente vai para samba, sai para beber, vai para barzinho. E separados, ele vai pra jogo separado, que eu não gosto tanto. Quando eu vou, peço pra ele ir comigo. Então, sozinha eu encontro com minhas amigas. Muitas vezes a gente faz os programas que a gente faz juntos, só que eu faço sozinha, ele faz sozinho. Mas sozinho, basicamente, ele vai a jogo e eu saio com as minhas amigas” (M3, 28 anos).

“Juntos, a academia, três vezes por semana de manhã. sábado de manhã eu jogo futebol, mas bem cedinho, então acaba que, acho que não atrapalha em nada. Eu acho que o tempo livre mesmo, de forma geral, a gente fica mais junto. Ela consegue, às vezes, sair com as amigas(...). Você precisa valorizar mais ou menos a mesma coisa. Se eu valorizo uma coisa e o outro valoriza outra, você vai se dividir muito. Então, você precisa ter uma simpatia comum por temas comuns (...). Você precisa de um equilíbrio, né, você precisa fazer coisas sozinho e você precisa fazer coisas juntos” (H4, 29 anos).

As falas sugerem que ‘fazer coisas juntos’ e ‘fazer coisas sozinho (a)’ constituem a dinâmica dos membros do casal, que procuram conciliar aspectos individuais e conjugais. Assim sendo, observamos as reverberações da manifestação das individualidades no casamento, influenciando a qualidade da relação conjugal. Partindo dos relatos, percebemos que o reconhecimento da alteridade valoriza as diferenças existentes entre os membros do casal, conferindo um valor positivo a elas. Na linha dessas considerações, Mosmann et al. (2015) afirmam que o sujeito esvaziado em sua individualidade pode sobrecarregar a conjugalidade, convocando o parceiro a suprir aspectos pertinentes ao âmbito individual.

O casal é composto por três partes, dois indivíduos e uma relação. A díade conjugal possui um equilíbrio que não é estático, no qual as mudanças seriam provenientes da quebra ou da reparação. Ou seja, trata-se de um equilíbrio dinâmico, de

trocas constantes entre os parceiros e seu modelo relacional. O privilégio e a dificuldade de ser casal encontram-se no fato de o par amoroso conter, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade. Ou seja, o casal contém dois sujeitos, com duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998). Dessa forma, dar prioridade aos espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar o espaço conjugal, assim como priorizar a conjugalidade requer, quase sempre, ceder diante das individualidades.

O investimento individual da sociedade contemporânea está presente nas relações em que o sujeito investe excessivamente em si, tornando difícil a aceitação da diferença, do estranho. No casamento, os parceiros se comprometem a constituir uma história comum, em que cada um é afetado pelo comportamento do outro. Destacamos, então, a relevância do reconhecimento da alteridade, ou seja, a admissão daquilo que é diferente de si, mas, ainda assim, legítimo para o outro. O reconhecimento da alteridade implica reconhecer o que distingue os sujeitos entre si, bem como valorizar esta diferença, conferindo um valor positivo a ela.

De acordo com Frosh (2009), o reconhecimento é construído a partir de uma compreensão da alteridade, do que é do outro, mantendo o teor de ambos os participantes na troca. Podemos, assim, articular este pensamento de Frosh com a relação conjugal. Os membros do casal são, portanto, autônomos e existem em relação ao outro. Esta ideia de reconhecimento engloba o ato de admitir a existência do outro como ele é no contexto da relação. Frosh (2009) ainda salienta que existe uma diferença, porém essa diferença não é necessariamente marcada pela preferência, é apenas a diferença.

Segundo Eiguer (2013), o reconhecimento mútuo ocupa um lugar de grande importância na vida do casal. Os projetos elaborados em comum baseiam-se no reconhecimento das necessidades e desejos do outro, com o intuito de satisfazê-los, ao mesmo tempo em que contemplam os interesses particulares de cada cônjuge. Reconhecer implica o que cada um é, assim como o que levam consigo: fantasias, ilusões, desejos. Para se alcançar o reconhecimento mútuo, é preciso reconhecer o outro, ser reconhecido por ele e reconhecer-se a si mesmo, articulando o semelhante e o diferente.

Reconhecer é, portanto, aceitar, admitir e legitimar. Entendemos como um relacionamento saudável e satisfatório aquele em que existe aceitação mútua, que define o par como membros distintos, porém complementares. Esta seria uma relação de constância, em que o relacionamento amoroso se renova a cada interação e que, por isso, perdura com vigor e não desfalece com o tempo. Rosset (2014) ressalta a conjugalidade

como a relação de duas pessoas que têm um relacionamento de intimidade, sexualidade e projetos comuns. E, neste contexto conjugal, dificilmente dois parceiros correspondem ou satisfazem completamente um ao outro, pois tendem a construir a realidade de modo distinto. Cada qual evolui em um domínio tolerado pelo outro, pelo qual os dois estão, a todo tempo, negociando entre si e lutando juntos.

A partir das narrativas, notamos que os homens precisam ajustar com suas parceiras o tempo e o espaço do casal. Para eles, ter disponibilidade para realizar atividades fora do contexto conjugal, em convívio social mais amplo (família e amigos) não é problema. Todavia, muitas vezes, privilegiar momentos sociais em detrimento dos momentos a dois pode provocar desconforto nas esposas. Uma das participantes, por sua vez, ressalta seu contentamento em passar a maior parte do tempo junto de seu parceiro.

“Eu acho que esse me parece que é o grande ponto: como lidar com o tempo livre, assumindo que a gente já tem vários compromissos. Então, eu acho que esse é o ponto, acho que calibrar isso. Calibrar o uso do tempo livre. Então, vai acumulando muita coisa e não sobra muito esse tempo livre, para ficar só os dois, entendeu. Então, acho que é uma insatisfação, às vezes, com o fato de passar o tempo e não ter rolado o momento sozinho, entende. O que pode haver, então, uma insatisfação com relação a ‘então por que não desmarcou?’. E a insatisfação vem mais dela. Para mim, não é tanto uma questão... É que (risos), eu diria que eu tenho uma visão mais panorâmica. Então, acho que, na média, a coisa vai funcionar, mas talvez a minha média não seja a média dela, entende? (H4, 29 anos).

“É porque ela é muito fechada. Ela se fecha muito, ela gosta de sair muito eu e ela, ela não gosta de abrir muito é... Casal e tal, assim, ela não gosta. Isso é ruim, eu falei para ela, tem que fazer isso, porque ela não pode ficar só vivendo pra mim também. Ela tem que conversar com amigas (...). Cara, eu considero a distração importante para a manutenção do casamento. Você tem que distrair, tem que distrair. Distrair, fazer passeios, porque a sua vida, a vida dos dois é estressante o tempo todo, a vida de qualquer casal. Distrair a mente, relaxar, conversar, falar com amigos, falar com pessoas diferentes. Não pode também, é... Então, é distrair. Tem que sair, não tem jeito, qualquer

ser humano tem que sair, tem que sair, se distrair, tem que fazer coisa que você se sinte à vontade, feliz” (H1, 32 anos).

“A gente sempre dá um jeito de estar junto. Por exemplo, hoje eu estava aqui, se encontrou, almoçou junto, ele foi atender cliente e eu vim pra cá. Aí, ele vai vir me buscar e vamos pra casa juntos. Com a saída dele do antigo emprego, a gente tem feito muita coisa junto, a maioria das coisas. E eu achava que ia ser enjoativo, quando ele saiu de lá. Eu fiquei pensando: será que vai ser chato, ficar olhando pra cara todo dia. Achava que ia ser chato, mas não, nossa, é maravilhoso. A gente fica junto, a gente vê filme, a gente sai, aí quarta-feira a gente tem atividade física, então, a gente tem um compromisso. Até mesmo quando a gente tenta fazer esporte ou alguma luta, alguma dança, alguma coisa, a gente faz junto. Jump, até isso a gente faz junto. A convivência é muito grande, a gente tem uma convivência muito grande. Poucas vezes a gente fica separado, só mesmo no trabalho e quando eu estou na universidade, mas, fora isso, a convivência é bem grande. E eu acho bom, eu tinha essa impressão que ia ser ruim, que ia fazer mal, que ia enjoar, mas não” (M4, 23 anos).

As narrativas sugerem que, para os homens, é importante ter tempo e espaço fora do contexto conjugal. Para eles, passar períodos envolvidos com outras atividades sociais não é problemático, contudo, isto representa um impasse para suas parceiras. As mulheres, portanto, demonstram mais satisfação quando compartilham momentos e atividades com o parceiro, valorizando os períodos em conjunto com eles. Estes resultados remetem às pontuações de Miller (1976) que salienta alguns antecedentes para satisfação conjugal, dentre eles, o tempo dedicado à convivência do casal. O autor destaca que o tempo investido no convívio dos parceiros afeta diretamente a satisfação conjugal.

2.3 Considerações finais

A valorização das individualidades torna ainda mais complexa a vivência da conjugalidade. No casamento, existe a necessidade de que os parceiros conciliem suas individualidades, de forma que o laço conjugal não cause frustração aos planos

individuais. Observamos que a possibilidade de exercer a liberdade individual favorece o estabelecimento da satisfação conjugal.

Os resultados sugerem que o respeito à individualidade de cada cônjuge é essencial para a satisfação no relacionamento. Quando os membros do casal têm seu próprio espaço, livres para exercer sua individualidade, suas habilidades e seus interesses particulares, torna-se mais fácil viver a dois. Por outro lado, os empecilhos ao exercício da liberdade individual prejudicam a vivência de uma relação satisfatória. Dessa forma, entendemos que quando a alteridade do parceiro é respeitada, maior é o nível de satisfação no casamento.

Notamos que a independência econômica feminina, a partir da entrada das mulheres no mercado de trabalho, tem favorecido uma maior liberdade de escolha para elas, inclusive no âmbito das relações amorosas. Contudo, essa liberdade de escolha, pautada primordialmente no desejo e na felicidade, fundamentada em uma cultura hedonista e de descarte, pode fragilizar a relação conjugal.

Observamos, a partir das narrativas, a valorização da intimidade da vida conjugal como um todo, relacionada a momentos de diálogo, compreensão, brincadeiras e abertura ao outro. Além disso, percebemos que, mesmo com a intensa valorização da liberdade individual, os cônjuges também preservam e estimam os momentos em comunhão com seus parceiros. A conjugalidade, portanto, é valorizada e cultivada no cotidiano do casal, em ocasiões de lazer e na intimidade conjugal. Verificamos, também, que a liberdade do casal gera intimidade entre os parceiros.

É necessário ressaltar que os resultados aqui apresentados representam a percepção de uma pequena parcela das camadas médias da população carioca. Referem-se, portanto, a observações de um número reduzido de participantes, não representando toda a diversidade cultural do Brasil. Assim, a aplicação deste estudo em outros contextos poderá ampliar o conhecimento acerca da dinâmica conjugal vivenciada pelos membros dos casais contemporâneos. Pesquisas futuras poderão investigar como a individualidade do outro é vista pelo parceiro e como isso afeta os modos de estar em relação. Além disso, os participantes do presente estudo não possuíam filhos, o que propicia uma dinâmica relacional diferente da vivenciada com membros de casais com filhos.

Salientamos, também, a necessidade de novas pesquisas, focalizando a frequência da relação sexual no casamento que pareceu pouco intensa neste estudo. Face ao complexo convívio entre duas individualidades e uma conjugalidade no casamento

contemporâneo, é fundamental que se compreenda e respeite a alteridade do cônjuge, possibilitando, assim, a construção de relações mais harmoniosas e satisfatórias.

3 Escolha amorosa na conjugalidade: repercussões da família de origem

Resumo

Este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre escolha amorosa na conjugalidade contemporânea e tem como objetivo investigar as repercussões da família de origem na escolha do cônjuge e na interação conjugal. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados quatro homens e quatro mulheres, casados ou em união estável, coabitantes, há pelo menos dois anos, sem filhos. Para análise dos dados foi utilizado o método de análise de conteúdo. Das narrativas dos participantes, emergiram duas categorias de análise: *escolha amorosa* e *satisfação conjugal*. Para atingir o objetivo formulado neste trabalho, discutiremos a categoria *escolha amorosa* e sua subcategoria *família de origem*. Os resultados encontrados apontam que a conjugalidade dos pais serve de modelo para o casamento dos filhos. Constatou-se que, no processo de escolha do cônjuge, ocorre a busca por parceiros que possuam características semelhantes às dos genitores. Além disso, observou-se que ocorrem repercussões negativas da família de origem na constituição do novo casal, quando há divergência de religiões entre os parceiros.

Palavras-chave: Escolha amorosa; Casamento; Família de origem; Valores.

Abstract

This study is part of a wider research on love choice in contemporary conjugality and aims to investigate the repercussions of the family of origin in the choice of the spouse and in the conjugal interaction. A qualitative research was carried out, in which four men and four women, married or in a stable union, cohabitants, for at least two years, without children, were interviewed. To analyze the data the content analysis method was used. From the participants' speech, two categories of analysis emerged: *love choice and marital satisfaction*. To achieve the goal formulated in this work, we will discuss the *love choice* category and its subcategory *family of origin*. It was found out that the results point to the conjugality of the parents as a model for the marriage of the offsprings. The study also observes that, in the process of choosing the spouse, the search for partners with characteristics similar to those of the parents occurs. In addition, it was observed that the

influence of the family of origin has a negative impact on the constitution of the new couple, when there is a divergence of religions between the partners.

Keywords: Love choice; Marriage; Family of origin; Values.

Na contemporaneidade, a ordem cultural realça o valor dos laços emocionais, bem como as trocas íntimas entre os indivíduos. A família, por ser o primeiro contato social, exerce importante influência na vida do indivíduo. Ela é, portanto, um núcleo de convivência fundamental para o crescimento e o desenvolvimento de seus membros e é a partir dela que os relacionamentos são internalizados e construídos. A necessidade de estar com o outro é uma característica típica do ser humano. Essa necessidade tem seu início a partir das primeiras relações que o indivíduo estabelece com as figuras parentais ou quaisquer substitutos que exerçam tais funções (Souza, 2017).

Falcke, Wagner e Mosmann (2005) ressaltam que as relações familiares estabelecidas desde a infância são extremamente importantes e se tornarão a base do comportamento futuro dos membros da família. Assim, o padrão interacional dos membros do casal tem origem nos esquemas precoces de cada parceiro, constituídos dentro da família de origem (Souza, 2017). Durante a infância, o modelo de relacionamento dos pais é internalizado pelo indivíduo e, na vida adulta, esse modelo se manifesta, propiciando a ele reeditar, em sua relação amorosa, emoções vividas nos primórdios de sua existência.

Os relacionamentos amorosos ocupam um lugar de destaque na vida dos indivíduos, por promoverem sentidos e significados diferenciados ao enfrentamento das dificuldades cotidianas (Almeida, 2014). Com efeito, quando estes promovem bem-estar aos membros do casal, são um importante fator de proteção à saúde emocional e favorecem o crescimento individual. Em contrapartida, quando o relacionamento amoroso não é vivenciado de modo maduro e saudável, com uma comunicação eficiente entre os membros do casal, suporte afetivo, envolvimento sexual, entre outros aspectos, pode gerar intenso sofrimento psíquico (Schlösser, 2014). Segundo o referido autor, o casamento é considerado uma forma de relacionamento que contribui para a satisfação das necessidades emocionais do ser humano.

Para Souza (2017), as relações amorosas são estruturadas e atualizadas por um sistema de significados dado pela cultura. Tais relações são, portanto, determinadas por padrões de gênero, diferenças de ordem socioeconômica e características socio-históricas.

As experiências que envolvem cultura e valores morais são registradas no indivíduo e passam a influenciar suas escolhas afetivas, sexuais, profissionais, entre outras. No processo interacional da família, o indivíduo é moldado pelo contexto e pelas peculiaridades de sua cultura familiar. Ao longo do tempo, a família guiará, entre outros aspectos, a forma de pensar, os valores e a cultura de seus membros. Assim, tradições, regras e crenças vivenciados na família de origem poderão influenciar comportamentos e escolhas do indivíduo. Neste sentido, a religião da família de origem também pode ser levada em consideração no momento da escolha amorosa.

Macedo (2017) desenvolveu um estudo, descrevendo como aspectos familiares se manifestam no processo de escolha do cônjuge. Verificou que a religião aparece como influência marcante para todas as participantes do estudo, constatando que uma das características principais para a escolha do cônjuge, segundo a família de origem, deveria ser o pertencimento a mesma religião. A autora observou a influência dos valores e legados provenientes do contexto familiar, no momento da escolha amorosa.

Através do conjunto de crenças, valores e modelo de inter-relacionamento, o indivíduo transmite sua cultura familiar para as gerações posteriores. Existe uma forte repercussão da herança genética, afetiva e cultural das famílias de origem. Servindo, portanto, como modelo preliminar na construção de relações pessoais futuras, principalmente no que concerne às relações amorosas (Neves, 2015).

Muitas vezes, as pessoas escolhem seu parceiro amoroso, acreditando ter plena consciência das motivações presentes em sua escolha. Todavia, a escolha amorosa é regida, também, por elementos inconscientes (Rolim & Wendling, 2013). Nesta linha de pensamento, Pincus e Dare (1981) pontuam que as causas que levam ao casamento são, em maior parte, inconscientes, e que os indivíduos possuem padrões repetitivos de relacionamentos que são deflagrados a partir de desejos provenientes da forma como suas primeiras necessidades foram satisfeitas. De acordo com Eigner (1984), a conjugalidade fundamenta-se na escolha amorosa inconsciente dos parceiros. Para o autor, o vínculo conjugal constitui-se em uma superposição de duas relações de objeto, cujo modelo de identificação seria a representação do casal parental. Féres-Carneiro e Magalhães (2005) afirmam que o lugar que o casamento ocupa no projeto de vida das pessoas relaciona-se com a maneira como as mesmas se apropriam de sua herança familiar, e com a compreensão que têm sobre os aspectos da conjugalidade dos pais que influenciam em suas escolhas.

A escolha do cônjuge, de acordo com Quissini e Coelho (2014), obedece a razões conscientes e inconscientes. No que tange aos relacionamentos amorosos, os indivíduos possuem no psiquismo particularidades inconscientes já preestabelecidas (Freud, 1914/2006). Tais particularidades poderão exercer influência na escolha do parceiro e na relação conjugal. Este lugar topológico concilia as histórias anterior e atual dos indivíduos. Neste sentido, cada um terá construído ideais, imagens e fantasias sobre a conjugalidade, tomando como referência o relacionamento dos próprios pais e aqueles presentes nas gerações familiares antepassadas (Féres-Carneiro & Magalhães, 2005).

A repetição do modelo geracional de vínculo pressupõe uma herança que foi transmitida pelas gerações sem que houvesse transformação. O trabalho de elaboração e de apropriação dos conteúdos herdados pelo indivíduo, em termos de vida psíquica de seus antepassados, é essencial para a formação da subjetividade e dos laços amorosos (Zanetti & Gomes, 2012). No casamento, estão implícitos muitos desafios, tais como, a bagagem das experiências familiares, as projeções feitas no parceiro, comportamentos, princípios e valores familiares, as frustrações mal resolvidas, os conflitos na infância e tantas outras vivências. Todas estas variáveis podem repercutir na vida a dois (Quissini & Coelho, 2014).

Diversos são os fatores que motivam a escolha do parceiro, dentre eles encontra-se a satisfação de necessidades pessoais tais como, afeto, felicidade, intimidade, interação, aceitação, segurança, pertencimento e reconhecimento, e a presença de determinados atributos físicos, projetos e metas em comum. Com base na literatura revisada, as motivações para o relacionamento amoroso se dão de forma, muitas vezes, inconsciente (Anton, 2012). Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo investigar as repercussões da família de origem na escolha do cônjuge e na interação conjugal.

3.1 Método

Participantes

Foram entrevistados oito sujeitos (quatro homens e quatro mulheres), com idades entre 22 e 49 anos, casados ou em união estável, coabitantes, há pelo menos dois anos, sem filhos, pertencentes às camadas médias da população carioca. Os sujeitos foram escolhidos de forma independente e são de primeiro casamento. Escolhemos entrevistar sujeitos sem filhos, pois a vivência da parentalidade estabelece uma outra dinâmica

conjugal. A Tabela 1, onde M designa mulheres e H homens, apresenta a descrição do perfil dos participantes. Para apresentação dos resultados, as entrevistadas foram nomeadas de M1 a M4 e os entrevistados de H1 a H4, colocando-se, em seguida, a idade de cada um.

Tabela 1
Características biográficas dos entrevistados

Participante	Idade	Tempo de casamento (em anos)	Profissão	Religião
M1	22	2	Assistente farmacêutica	Católica
M2	36	10	Agente de Saúde	Católica
M3	28	4	Produtora editorial	Sem religião
M4	23	2	Empresária	Evangélica
H1	32	8	Gerente de loja	Sem religião
H2	33	11	Gestor	Evangélico
H3	49	24	Gerente de Recursos Humanos	Sem religião
H4	29	2 anos e 6 meses	Contador	Evangélico

Instrumentos e procedimentos

Como instrumento de investigação, foram realizadas entrevistas, gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra. O roteiro semiestruturado das entrevistas foi formulado a partir da revisão da literatura acerca dos temas escolha amorosa e satisfação conjugal, contemplando questões abertas, elaboradas com base nos seguintes eixos temáticos: escolha amorosa; cotidiano do casal; conflitos conjugais; intimidade e satisfação conjugal. As entrevistas tiveram a duração de 40 a 90 minutos, e o local, data e horário foram agendados de acordo com a disponibilidade dos participantes. O acesso aos participantes ocorreu por meio de indicações, configurando, portanto, uma amostra de conveniência.

Cuidados éticos

O projeto que deu origem a este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição onde foi desenvolvido, sob o número 07/2018. Todos os

participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando o uso dos resultados da investigação em ensino, pesquisa e publicação, e foram informados de que a sua identidade e a de seus familiares seriam preservadas.

Análise dos dados

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelos entrevistados aos fenômenos (Bardin, 2011). Foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado.

O presente trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla, cujo objetivo foi investigar as motivações envolvidas no processo de escolha amorosa na conjugalidade contemporânea. Das narrativas dos participantes, emergiram duas categorias de análise: *escolha amorosa* e *satisfação conjugal*. Para atingir o objetivo formulado no trabalho que ora apresentamos, discutiremos a categoria *escolha amorosa* e sua subcategoria *família de origem*.

3.2 Resultados e Discussão

Escolha amorosa

Considerando que os relacionamentos amorosos ocupam um lugar extremamente relevante em nossas vidas pelo fato de promoverem sentidos e significados às nossas experiências, a escolha amorosa é uma das decisões mais importantes que fazemos ao longo da vida. A procura do par ideal atende tanto às necessidades do sujeito, quanto às exigências sociais. Levando-se em consideração os relacionamentos e aquilo a que eles se propõem, as pessoas costumam estabelecer padrões e regras de seleção de parceiro, desde exigências mais superficiais ou a ausência destas, até aquelas que funcionam como elementos imprescindíveis para a escolha amorosa (Gomes, Gouveia, Júnior, Coutinho & Santos, 2013). Dentre as motivações apresentadas para o casamento, encontram-se a busca por satisfação sexual e por admiração, o temor pela solidão e o desejo de obter valores materiais e prestígio social (Carter & McGoldrick, 1995). A partir da narrativa dos participantes, a categoria *escolha amorosa* foi desdobrada na subcategoria *família de origem*.

Família de origem

Esta subcategoria emergiu a partir da narrativa dos participantes que, de forma direta ou indireta, mencionaram a família de origem como elemento importante no momento de escolha do cônjuge. A família de origem tem um papel fundamental na vida dos indivíduos e no ciclo evolutivo vital de seus membros, desempenhando um importante papel no momento de formação do novo casal. Bowen (1991) pontua que, muitas vezes, sem se dar conta, o indivíduo casa-se com uma pessoa que expressa a recriação da própria família de origem. Kaës (2001) considera o sujeito como um intersujeito, isto é, sujeito do grupo. A família é o primeiro grupo no qual o sujeito será introduzido e, certamente, reflexos desse grupo irão repercutir na escolha amorosa.

A contínua tentativa de unir-se aos conteúdos ideais e o incômodo, pela sensação de distância destes, demonstram a importância que assumem, nessa tentativa, os aspectos históricos da vida pessoal do indivíduo – sob a forma de valores e de funções transmitidas pela família. Tais conteúdos são organizados de modo a fomentar a função seletiva sobre a atenção, na medida em que indicam quais atributos o indivíduo deve priorizar na escolha do parceiro. As expectativas e os valores de cada pessoa, bem como as ideias de quais atributos seriam desejáveis no parceiro escolhido são, em grande parte, transmitidos pelas famílias de origem (Ângelo, 1995). No presente estudo, a família de origem foi descrita pelos participantes como ‘modelo’, ‘parâmetro’. A partir das narrativas, percebemos que existem expectativas em relação à reprodução do modelo de casamento dos pais. O laço conjugal existente na família de origem aparece como um modelo a ser seguido.

“Foi quando eu comecei a ficar com o L, que não era da igreja, não era evangélico, que a gente saía, bebia, mas isso não me impediu de ficar com ele, porque, minha mãe é da igreja e meu pai não é. Mas eles estão bem e são felizes. Então, assim, como eu tinha aquele modelo, ficar com uma pessoa que não era evangélica não era um impedimento para mim. Porque, bem ou mal, meu pai e minha mãe são super felizes e mesmo meu pai não sendo evangélico (...). E o L sempre falou ‘ó, meu modelo familiar é a sua família’. E era isso, eu acho que foi isso, por eu ter uma família muito estabilizada, no sentido de casamento, de parâmetro de família, de uma família tradicional, vamos dizer assim, eu tinha essa perspectiva, de ter um relacionamento parecido” (M4, 23 anos).

“Acho que ela esperava encontrar em mim o que ela tinha em casa, em termos de, é... Relacionamento familiar, o que ela via nos pais dela, é, tem isso, então, ter um relacionamento bom entre os pais e um relacionamento familiar” (H4, 29 anos).

As narrativas acima evidenciam que o casamento dos pais pode funcionar como parâmetro para a relação conjugal dos filhos, sendo considerado um ideal de casal e de amor a ser perseguido. Ao serem indagados acerca da escolha amorosa, pudemos perceber uma forte tendência à repetição dos padrões de relacionamentos afetivos vivenciados na família de origem, corroborando os achados de Ozório e Féres-Carneiro (2017). Assim, a percepção dos filhos sobre a conjugalidade dos pais promove reflexões acerca da dimensão do vínculo conjugal e do espaço potencial propiciado por esse vínculo. Para Carter e McGoldrick (1995), a escolha amorosa estaria relacionada aos modelos parentais, uma vez que o indivíduo, ao tomar os pais como modelo referencial, organiza uma maneira de se relacionar com seu parceiro.

O lugar que o casamento dos pais ocupa nos projetos de vida dos filhos se entrelaça nos modelos de transmissão psíquica familiar. A forma com que os filhos se aproximam de suas heranças familiares influencia-os nas suas trajetórias amorosas futuras (Magalhães & Féres-Carneiro, 2007). De acordo com Féres-Carneiro e Magalhães (2005), a conjugalidade tem sua origem no enredo inconsciente familiar dos cônjuges. Dentro das famílias, histórias passadas e presentes, antigas e atuais são misturadas e transmitidas aos filhos. Tais histórias aparecem ligadas às expectativas de futuro e conciliam as fantasias individuais dos membros da família. Desse modo, para as autoras, a conjugalidade dos pais se reflete no desenvolvimento afetivo-sexual dos filhos, reverberando nos modelos de relacionamento que se estabelecem na família.

Na transmissão psíquica, são transmitidas, de um espaço psíquico a outro, configurações de objetos psíquicos, tais como fantasias, representações e afetos, providos de seus vínculos. Isto é, tudo o que for referente às representações, imagens ou vivências psíquicas daqueles que antecedem o indivíduo na ordem geracional. Neste contexto, algumas vivências são aceitas e metabolizadas, como mitos familiares ou representações socioculturais (Correa, 2013). As práticas da transmissão nasceram com a humanidade e constituem-na. Dentre essas práticas, encontram-se as transmissões de conteúdo e processos psíquicos, de crenças, de mitos e de saberes.

De acordo com Kaës (2001), a transmissão psíquica geracional abrange um trabalho de ligações e modificações entre as gerações. No processo da transmissão psíquica entre gerações, a identificação aparece como um mecanismo de extrema importância. Neste processo, também é transmitido aquilo que garante e possibilita a conservação dos vínculos intersubjetivos, as continuidades narcísicas, a manutenção e complexidade das formas e da vida: dúvidas, certezas, ideais, mecanismos de defesa, identificações.

Em contrapartida ao que foi exposto anteriormente, uma das participantes aponta o desejo de seguir um modelo de casamento diferente ao vivido em sua família. Neste caso, a família de origem aparece como um modelo a ser evitado. Contudo, convém sublinhar que, mesmo um modelo a ser evitado pressupõe a existência de um modelo internalizado que funciona como parâmetro para aquilo que não se deseja repetir.

“Desde o início eu acho que a pessoa que eu procurava... E tem isso, na minha família, todas as relações, todos os casamentos terminaram, todas as relações são conturbadas. A minha família só tem mulher e todas as que continuaram casadas, quando você olha as relações, nada deu certo. Então, é... Eu acho que valorizo muito essa coisa da estabilidade, de pensar numa relação que não seja conturbada, que a gente não brigue, que a gente não entre em divergência o tempo inteiro. E a gente consegue isso, eu e o B, a gente conseguiu” (M3, 28 anos).

Percebemos a partir deste relato que, para além da repetição das vivências anteriores, a participante conseguiu transformar a sua relação conjugal em um espaço potencial de crescimento. Neste sentido, em consonância com Puget e Berenstein (1993), observamos que, na constituição da conjugalidade, houve a possibilidade de criação de uma estrutura inédita advinda da transformação dos modelos parentais. Segundo Palermo, Magalhães, Féres-Carneiro e Machado (2016), a construção da conjugalidade efetua-se no encontro das tramas psíquicas dos parceiros, em uma dimensão fundamentada em componentes psíquicos a serem elaborados e em vivências compartilhadas. Tal encontro permite a criação de um espaço transicional da díade conjugal, que pode ser comparado ao espaço potencial definido por Winnicott (1958). Esse espaço se origina da interseção entre os mundos internos e externos, individuais e familiares dos cônjuges. Cada um dos membros do casal coopera por meio de aspectos

que serão confrontados, metabolizados e recriados, remetendo a um jogo mútuo que dialoga com o campo criativo do brincar. A partir desta dialética entre continuidade e descontinuidade, “eu e nós”, nasce um eu conjugal (Eiguer, 2013). Os relacionamentos amorosos têm uma ligação indissociável com o brincar. Nas relações amorosas em que há possibilidade de experienciar de maneira suficientemente boa o espaço potencial, os membros do casal podem desfrutar uma potencialidade criativa (Palermo, Magalhães, Féres-Carneiro & Machado, 2016).

Quissini e Coelho (2014) ressaltam que as relações conjugais evoluem à medida que as transmissões disfuncionais da família de origem se afastam. Para Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005), quando os indivíduos entendem que precisam discernir e optar pelas quebras das transmissões familiares, torna-se possível a interrupção das repetições, viabilizando, assim, oportunidade de crescimento conjugal. Os modelos aprendidos nas famílias de origem podem servir como referenciais a serem seguidos ou rejeitados. De acordo com Ozório e Féres-Carneiro (2017), a conjugalidade dos pais repercute na construção da conjugalidade dos filhos, de forma que o casamento dos genitores também pode representar um modelo conjugal a ser evitado. Os filhos, portanto, podem buscar não repetir aspectos negativos observados no casamento dos pais.

A este respeito, Silva e Mesquita (2017) salientam que relacionamento amoroso emerge como uma possibilidade de transformação, na medida em que se insere em um terreno de intimidade fértil para o desenvolvimento da vida emocional e da fantasia, considerando relações amorosas que possibilitem a expansão do *self* e o desenvolvimento das suas potencialidades. A relação conjugal pode, portanto, facilitar o desenvolvimento do mundo relacional de cada um dos parceiros. Dessa forma, a criatividade desenvolvida na conjugalidade pode romper padrões instituídos e gerar novas formas de ser e de se relacionar, emergentes nessa nova relação de intimidade. O casamento pode ser considerado como um espaço de criatividade em que os cônjuges têm a possibilidade de produzir novidade a cada encontro (Ozório & Féres-Carneiro, 2017).

Os membros da díade conjugal permanecem ligados às famílias de origem através de diferentes elos, dentre eles, os elos de aliança sociocultural e os elos da transmissão geracional. Na constituição de uma estrutura conjugal original e singular, há sempre a presença de uma continuidade geracional. Na construção da nova conjugalidade, os modelos parentais e conjugais referentes às famílias de origem são transmitidos e modificados. Entretanto, é possível que alguns elementos traumáticos continuem não metabolizados, resultando em repetições sintomáticas na nova conjugalidade. Quando a

estrutura conjugal se conserva de maneira indiferenciada em relação às estruturas da família de origem, grandes são as chances de insucesso diante da apropriação e da transformação do legado familiar (Magalhães, Féres-Carneiro & Gorin, 2013).

Na vivência da conjugalidade, os membros do casal experienciam um antagonismo: a resolução da separação dos vínculos familiares e parentais e o desejo de criação de uma estrutura nova e singular, resultante da elaboração dos vínculos parentais. Esse antagonismo é marcado por uma dinâmica de repetição e elaboração constante. Ocorre uma alternância entre angústia de indiferenciação, pontuada por uma suposta continuidade de gerações, e a necessidade de diferenciação, o que estabelece a própria subjetividade. A busca de coincidência que se reedita no encontro amoroso conduzirá os membros do casal a um esforço constante direcionado à elaboração de aspectos primitivos, culminando em uma modificação de sua própria estruturação subjetiva, e não somente em na repetição de padrões costumeiros (Magalhães, 2003).

No presente estudo, as narrativas sugerem que as participantes buscam parceiros que se assemelhem aos próprios pais. Foi ressaltado o desejo de encontrar no parceiro características físicas e de personalidade presentes nos pais, tais como, aparência, companheirismo e jeito de ser. Um dos participantes acredita que a esposa possivelmente buscou, nele, alguém semelhante ao pai dela.

“Então, desde quando eu sou criança, eu falo assim, eu falava assim para minha mãe ‘ah, eu quero um marido igual ao meu pai’. Então, eu tinha uma perspectiva de homem muito no modelo dos megapixels do que o meu pai é. Eu esperava encontrar uma pessoa igual ao meu pai. Quando eu conheci o L, todo mundo fala, tem gente que acha que o L é filho do meu pai, porque meu pai é branco de cabelo liso e olhos verdes. Eu não pareço, eu sou a minha mãe, sou cópia xerocada da minha mãe. E aí, o L, ele tem muito o jeito parecido com o do meu pai. Ele é uma pessoa que me ajuda, ele tem essas qualidades de incentivo, de apoiar, igual meu pai era. Então, o que eu esperava encontrar no meu marido era mais ou menos o relacionamento que meu pai e minha mãe tinham, o que o meu pai é. Mas é isso, no sentido das qualidades do meu pai, ele também tem, até na questão do humor, de brincadeira. Então, é isso, até nas dificuldades eles são muito parecidos e isso é muito engraçado, uma pessoa que nunca conheceu a outra, ser igual” (M4, 23 anos).

“Olha, às vezes, eu penso que eu fui criada longe do meu pai, então, assim, é difícil, mas o que eu esperava encontrar nele era uma figura que suprisse um pouco essa, uma pessoa que suprisse um pouco essa figura, então, eu acho que ‘ah, eu vi nele uma pessoa forte, que chega junto’. Eu acho que, sobretudo, eu vi uma pessoa nele que eu pudesse contar nesse sentido, sabe, assim, é... Não que eu veja meu pai, que horror (risos), eu acho que, não sei, ele ser mais velho... Eu acho que tem muito a ver com isso, assim” (M3, 28 anos).

“O que ela esperava encontrar em mim... Acho que admirar, acho que essa coisa de você ter uma figura paterna que você admira e você, ‘por que que eu admiro isso’, então, acho que é algo nessa linha” (H4, 29 anos).

A partir dos relatos, notamos que quanto mais características familiares o parceiro possuir, maior a probabilidade de ser escolhido como cônjuge. Ao longo da vida, o indivíduo encontra pessoas que se assemelham com figuras que, em algum momento, exerceram função de cuidado. Por vezes, a pessoa escolhida pode assemelhar-se com uma das figuras parentais - pai, mãe ou figura de referência que os substituiu. Assim, a escolha do cônjuge pode estar relacionada aos elementos de familiaridade que o parceiro amoroso possui (Ozório & Féres-Carneiro, 2017).

Em nosso estudo, as participantes revelam que buscaram no cônjuge características encontradas em seus pais: “alguém que ajuda”, “que apoia”, “que brinca”, “com bom humor”, “que chega junto”, alguém que pudessem “admirar”. Estes resultados contrastam com a busca do parceiro de estereótipo masculino como o herói, com características de dominador, valente, impetuoso e inexpressivo, apresentada por Lins (2012). Esta figura é substituída pela imagem de um cônjuge companheiro, compreensível, mais sensível e aberto à comunicação. Esta realidade aponta para a valorização do diálogo entre os membros do casal, substituindo a ideia de submissão e abrindo espaço para a igualdade e a liberdade de expressão da mulher na díade conjugal (Secco & Lucas, 2015).

Segundo Secco e Lucas (2015), no momento da escolha do cônjuge, as mulheres destacam aspectos como compatibilidade de ideias, objetivos de vida e valores pessoais comuns, bom humor, nível de escolaridade semelhante e apoio em seus projetos. Bereczkei, Gyuris, Koves e Bernath (2002), ao estudarem as semelhanças físicas

existentes entre o cônjuge e a figura parental do sexo oposto, constataram um expressivo índice de semelhanças entre noras e sogras. Observou-se, também, a influência das experiências familiares no âmbito da escolha amorosa, uma vez que homens que haviam sido rejeitados por suas mães durante a infância mostraram menor tendência a se casarem com mulheres semelhantes a elas.

Geher (2000) investigou as semelhanças identificadas pelos indivíduos entre seus pais e seus parceiros, bem como as semelhanças existentes entre os membros do casal de acordo com sua própria percepção, a partir de instrumentos voltados à avaliação de características da personalidade, de satisfação conjugal e de estilo de apego. As semelhanças percebidas pelos participantes entre seus parceiros e seus pais mostraram-se superiores àquelas verificadas a partir da comparação dos instrumentos preenchidos pelos próprios parceiros e pais.

Entendemos que há relações amorosas em que os cônjuges se escolhem por contra seleção. Ou seja, a escolha recai sobre um parceiro que se diferencia do objeto com quem se teve uma relação mais conflituosa, isto quando o sujeito tem consciência dos conteúdos conflitantes envolvidos. Contudo, este comportamento poderá resultar em uma escolha de duplo efeito, pois apenas as características que distinguem o novo objeto do anterior são levadas em consideração, sem atender à totalidade da sua personalidade. Dessa forma, a relação poderá resultar em um vazio, pois foi estabelecida a partir de uma escolha feita pela restrição e não pelo verdadeiro “eu” do parceiro. Isto dificulta a constituição de uma relação nova e criativa, passível de transformação dos padrões internos e de relação (Mesquita, 2013).

Os participantes deste estudo também pontuam que o fato de o cônjuge possuir valores e princípios de família contribuiu para sua escolha amorosa. Neste sentido, os valores transmitidos pela família de origem são salientados como relevantes no momento da escolha do cônjuge.

“Eu conhecia a família dela também. E isso pra mim também é outro ponto, hoje em dia, você tem muitas pessoas que não têm referência em casa do que é uma família. E isso traz impactos para a pessoa, de como a pessoa se comporta. E, no caso dela, eu via que ela tinha muito respeito aos pais dela e eu sei que eles têm numa família. Então, assim, era alguém que tinha princípios, inclusive de família, que são os meus, né, de respeito. E eu via que os pais dela eram, são pessoas que buscaram ensinar. Ela não cresceu jogada

no mundo, sendo alvo de qualquer conceito. Então, eu diria que, nessa linha, também, o conceito de família muito relevante” (H4, 29 anos).

“A C trouxe para mim uma noção importante de valores. Meus pais eram pessoas muito simples em seus países etc. Em termos de valores, trataram de passar para mim e para minhas irmãs o básico, até porque muito mais do que isso eles nem tinham. A C veio a complementar, acho que por conta de que ela teve oportunidade na formação dela, na educação dela, uma noção de valores de vida muito importantes. Acho que a grande contribuição da C, para mim, foi isso, além da questão casal, homem e mulher, eu acho que ela contribuiu muito na minha formação de valores” (H3, 49 anos).

“Ah... Bom, ela é uma pessoa muito maravilhosa, de família também (...). Bom, e aí elas (mãe e avó da parceira) perceberam que eu era uma pessoa de família, cara respeitador, um cara tranquilo” (H1, 32 anos).

Os relatos sugerem que ter ‘noção de valores’, ‘respeito aos pais’, ‘princípios de família’ e ser ‘pessoa de família’ são aspectos importantes no momento da escolha amorosa, levando-nos a pensar que possuir tais valores constitui-se em condição importante para o estabelecimento de uma relação mais harmônica e satisfatória. Os valores pessoais estão relacionados à cultura de diferentes grupos nos quais o indivíduo se insere ao longo da vida. Através da interação social, as pessoas desenvolvem seus valores baseados na moral e nas preferências racionais, refletindo características culturais, bem como incluindo aspectos de metas individuais, de grupo e da sociedade.

A escolha do cônjuge expressa um jogo complexo e sutil em que a atenção – culturalmente dirigida para perceber elementos satisfatórios em determinada pessoa – é acompanhada de uma desatenção, do mesmo modo seletiva, por características dessa pessoa que poderiam trazer complicações à relação. A escolha amorosa baseia-se, então, em um jogo de vazios e cheios que possibilitam, por meio de sua interação dinâmica, o prosseguimento e a evolução do relacionamento ou o rompimento do laço amoroso (Ângelo, 1995). De acordo com Macedo (2017), toda escolha é uma priorização.

Neste sentido, Ângelo (1995) destaca a importância que assumem os aspectos históricos da vida pessoal do indivíduo, sob forma de valores e de funções transmitidas

pela família, considerando, dentre outros aspectos, a história da família de origem. Tais conteúdos são organizados de modo a fomentar a função seletiva sobre a atenção, na medida em que indicam quais atributos o indivíduo deve priorizar na escolha do parceiro. Deste modo, as expectativas e os valores de cada pessoa, bem como as ideias de quais atributos seriam desejáveis no parceiro escolhido são, em grande parte, transmitidos pelas famílias de origem (Ângelo, 1995).

Não possuir os mesmos valores e tradições da família de origem do parceiro pode, muitas vezes, atrapalhar a constituição do novo casal. Tais valores e tradições podem estar relacionados a carreiras profissionais, à condição socioeconômica, à religião, dentre outras variáveis. No presente estudo, de acordo com as narrativas dos participantes, constatamos reverberações da crença religiosa da família de origem na escolha do cônjuge. Evidenciamos que não pertencer à mesma religião da família do cônjuge pode dificultar o estabelecimento da relação amorosa.

“Olha, não foi um processo fácil não. Não foi fácil, porque, ela... Por ser de uma família de pessoas, familiares evangélicos, então, você conhecer uma pessoa que não é do meio, fica... As pessoas que são evangélicas ficam meio cabulosas com essa situação de pessoa que não frequenta a igreja. E é natural dos pais achar que a gente que não é da igreja vai desviar a pessoa do caminho. Não foi o que aconteceu, foi até o contrário, eu acabei me convertendo ao evangelho e através deles também. Eu também abandonei a época que eu estava tocando em grupo de pagode. E foi meio conturbado, porque sempre tinha a dúvida de onde eu sempre vinha, por ser um garoto do pagode. E a gente dando continuidade e o namoro conturbado. Aí, acabou que a gente ficou três meses separados por causa dessa situação, porque acho que foi muita pressão na cabeça dela por ter o coração virado para mim e ter a situação dos pais, sabe, pressionando ela também a tomar uma decisão. Aí ela decidiu também romper na época, foi muito doloroso para os dois, mas a gente acabou voltando e quando voltou, voltou decidido a casar. Mas foi um processo bem crítico, foi um processo bem lento, foi uma coisa bem complexa” (H2, 33 anos).

“Ele é evangélico agora. Ele era católico e, aí, ele começou a ir para igreja comigo pra gente não ficar domingo separado. Aí, acabou que ele ficou, se

batizou e hoje ele é. Mas a mãe e o pai, assim, as pessoas que ele morava são da umbanda. Eu tinha muita resistência a ter relacionamento com uma pessoa, era adolescente, sempre fui criada na igreja, então, eu tinha muita resistência a lidar com essa situação. E, quando a gente se conheceu, ele não falava disso, até perguntei para ele, como é a sua família? ‘Ah, católica’, ele falou que a família dele não tinha religião, só que eles são praticantes da umbanda. E depois que eu descobri. Eu falei com ele, ele ficou apavorado. Aí, também, ele tinha outra visão do evangélico, né, não é todo mundo que é extremista. E aí a gente conversou, a mãe dele contou como é que era, sabe, então, meio que, e eu me abri, sabe, abri mais a minha cabeça” (M4, 23 anos).

As narrativas ressaltam impasses na união de parceiros que não seguem a mesma religião. Na fala de H2, fica evidenciada a dificuldade de ser aceito pela família da parceira, por não ter uma religião. No relato de M4, fica clara a resistência dela em aceitar um parceiro que pertencesse a uma religião diferente da seguida por ela. No relato dele, expressões como ‘é um processo crítico, lento e complexo’, ‘dúvida de onde eu vinha’, salientam entraves ao relacionamento, como a desconfiança por parte da família de origem da parceira. Já, o relato dela ‘sempre tive resistência’ expressa certa insegurança em experimentar situações novas, diferentes do padrão familiar que sempre vivenciou. Estes resultados remetem às pontuações de Puget e Berenstein (1993) quando ressaltam o medo de muitos casais diante do novo. Para os autores, os casais vivenciam como fonte de angústia tudo o que é diferente das famílias de origem. Neste sentido, a criação de uma estrutura inédita, resultante da transformação dos modelos parentais de cada cônjuge torna-se um desafio.

A ordem moral da sociedade compreende tradições que promovem ideias sobre o que é bom ou ruim, certo ou errado, justo ou injusto, entre outras, de forma a orientar os ideais das pessoas e motivar suas ações. Essa ordem, ditada pela cultura, atua por meio de diretivas morais, experiências espirituais e modelos a serem seguidos (Coutinho & Miranda-Ribeiro, 2014). Na sociedade atual, os indivíduos possuem demasiada liberdade de escolha. Contudo, apesar dessa eminente liberdade, a escolha amorosa é carregada de expectativas sociais, subjetivas e familiares. Neste sentido, as influências da família de origem, positivas e/ou negativas, direta e/ou indiretamente atuam neste processo de

escolha do parceiro amoroso. Anton (2012) afirma que nossa liberdade existe dentro de uma determinada faixa, cujos limites são marcados por condicionamentos e motivações inconscientes. A partir das narrativas, verificamos que possuir um bom relacionamento com a família do parceiro contribuiu para ser escolhido enquanto cônjuge. Tal resultado ressalta a importância de ser aceito pela família do parceiro.

“Então, eu acho que ele esperava encontrar uma pessoa que (...). Por exemplo, eu tento ao máximo tratar bem a família dele, embora seja muito diferente de mim, pense muito diferente de mim, mas eu trato a família dele muito bem. Acho que ele esperava uma pessoa que a família dele se desse bem” (M4, 23 anos).

“Mas eu acho que o que fez eu querer escolher ele foi, na verdade, um pacote, é... De ele junto com a família dele. Eu me apeguei muito também à família dele, a minha sogra, ao meu sogro... E o que ele esperava de mim, eu não sei dizer, não sei dizer. É... Eu tive uma integração muito boa com a família dele também. Então, não sei se isso (...). Assim... Eu não sou muito próxima, super, amiga. Mas são pessoas que eu adoro, a gente viaja junto, ontem mesmo meu sogro veio, a gente tem uma relação bem boa, bem próxima, assim, muito com o parâmetro que eu vejo de outras pessoas, sabe, que encontram os sogros duas, três vezes no ano. E, quando vai, reclama” (M3, 28 anos).

As falas ‘tratar bem a família dele’, ‘tive uma integração muito boa com a família dele’ sugerem a importância de se estabelecer um bom convívio com a família do parceiro. Em estudo realizado por Féres-Carneiro (1987) sobre aliança e sexualidade no casamento e no recasamento, constatou-se que os casais de primeiro casamento mantêm um contato intenso com a família de origem. E, além de existir um grande contato com as famílias, há um desejo de que este convívio aumente. A autora também observou que, no grupo de participantes de primeiro casamento, além dos fatores individuais de cada membro do casal, aparece a importância da família na escolha do cônjuge e na tomada de decisão pelo casamento, tanto em termos de aprovação ou não, como em termos de valores comuns. Contrastando com os resultados que expõem os benefícios de um bom

convívio com a família do parceiro, observamos, também, o quanto as famílias dos cônjuges podem gerar entraves na vida do casal.

“Eu precisava da minha coisa, a gente precisava do nosso canto, nossas coisinhas e tal. Foi assim que a gente, eu tomei a iniciativa e ‘bum’, vamos morar junto porque já não dá mais, ficar aí, na casa da tua mãe, não tem condição. Ter nossas coisas, não ter que ficar ouvindo, sabe como é que é, né. Quer ficar à vontade e tal, mas... Aí tudo melhorou, ficou melhor (...). Eu sou um cara muito família, isso ela já não gosta. Eu gosto de visitar muito parente. Eu sempre tive família muito grande, ia na casa de um, de outro, então, eu convivi assim e eu gosto disso e ela já não gosta. Então, às vezes, ela fica irritada. Ela abre um pouco espaço, vai, mas não gosta muito. Eu fico chateado, mas tem que entender, não tem jeito (...). A vida a dois é difícil, porque não envolve só o casal, é... A família... É muita fofoca, pessoal fofoca muito. E ela se importa muito com isso, eu já não. E isso, às vezes, é ruim para o casal. Porque a família, às vezes, influencia muito no casal. Às vezes, faz a cabeça ou da própria mulher ou do próprio homem, então, isso é muito difícil” (H1, 32 anos).

“Então, eu passo o dia na rua. A gente se fala o dia inteiro, a gente conversa o dia inteiro, mas ficar junto, final de semana. E minha família é meio festeira, todo final de semana tem festa, então, não tem tempo para a gente ficar junto em casa, é festa, entendeu. Então, tempo para a gente é muito difícil, muito difícil” (M1, 22 anos).

Notamos, a partir das narrativas como ‘na casa da tua mãe, não tem condição’, ‘é muita fofoca’, ‘família festeira, não tem tempo para ficar junto’, a necessidade dos membros do casal em administrar a presença da família no espaço conjugal. Foi possível perceber uma linha tênue entre a participação e a invasão da família de origem na conjugalidade do novo casal, podendo gerar conflitos entre os membros da díade conjugal.

Na busca por um parceiro amoroso, os indivíduos estão à procura de um modelo adulto de intimidade, assim como uma oportunidade da aquisição da individuação e do pertencimento, em um processo dialético de fusão-individuação. Neste sentido, é

importante que cada pessoa se separe de sua família de origem para constituir a própria família. Quanto mais separados da família os cônjuges estiverem, mais juntos estarão um do outro, aumentando, assim, a individualidade e intimidade do casal (Macedo, 2017).

De acordo com Falcke et al (2005), para que o casal possa se constituir, é importante que exista um processo de separação-individação saudável da família de origem. Por esta via de pensamento, Carter e McGoldrick (1995) defendem que o casamento serve para que cada um dos membros do casal efetue o processo de separação e individuação com relação à família de origem. Dessa forma, cria-se espaço para que haja uma maior aproximação com o parceiro, construindo uma zona comum de interação e a consequente formação da identidade conjugal (Dall'Aqua & Meneses, 2014).

As famílias de origem dos membros do casal exercem influência, também, na satisfação conjugal. O espaço entre as famílias de origem e o novo casal é apontado como fator relevante para a satisfação conjugal. Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005), pontuam a distância necessária da família e dos parentes, para a construção da relação do novo casal. Os autores ressaltam que o afastamento da família de origem dos cônjuges é essencial para a evolução satisfatória e saudável da díade conjugal.

3.3 Considerações finais

A família de origem exerce importante papel durante todo o ciclo evolutivo vital de seus membros, inclusive influenciando no momento da escolha amorosa. Constatamos que, muitas vezes, as mulheres buscam parceiros que se assemelhem de alguma forma ao pai. Seja por características físicas ou de personalidade, tais como aparência, companheirismo e jeito de ser. Os resultados sugerem que, no processo de escolha do cônjuge, a conjugalidade dos pais serve de modelo para o casamento dos filhos. Ocorre, então, a busca por um parceiro que possua características parecidas com as dos genitores, para que se possa reproduzir esse modelo de casamento. Observamos também que, quando o modelo de casamento dos pais é conflituoso, ele se torna um modelo a ser evitado. Isto ressalta o espaço potencial existente no casamento, que permite a diferenciação dos membros do casal de seus modelos parentais, possibilitando ao casal usufruir de uma potencialidade criativa.

Notamos que, no processo de escolha amorosa, é importante para o indivíduo que o parceiro tenha valores familiares. O parceiro é, portanto, admirado e valorizado por possuir e compartilhar os princípios transmitidos pela família de origem. Além disso, percebemos as reverberações da religião da família de origem na escolha do cônjuge. Não

pertencer à religião da família do parceiro pode dificultar a formação do laço conjugal. Neste sentido, a religião seguida pela família de origem pode atuar diretamente na escolha amorosa, dificultando a formação do casal, quando os parceiros não seguem a mesma crença religiosa.

Verificamos que possuir um bom relacionamento com a família do parceiro contribui para ser escolhido enquanto cônjuge. Neste sentido, ser aceito pela família de origem do companheiro é extremamente importante. Observamos, também, o quanto a presença demasiada das famílias de origem pode atrapalhar os membros do casal a se diferenciar das mesmas.

Para expandir o conhecimento acerca da escolha amorosa, investigações futuras poderão se debruçar sobre diferentes contextos socioeconômicos e distintas configurações familiares, tendo em vista que estas foram limitações do presente estudo. Pesquisas sobre a conjugalidade dos filhos, a partir da percepção da família de origem, também podem ampliar as contribuições para o tema. Por último, salientamos que os resultados deste estudo podem trazer subsídios importantes para a prática clínica com casais e famílias.

4 Conclusão

O presente estudo procurou investigar a escolha amorosa na conjugalidade contemporânea, sob a perspectiva de homens e mulheres casados ou em união estável. A literatura sobre o tema escolha amorosa revela que os relacionamentos afetivos são cada vez mais valorizados pelas pessoas. Neste contexto, a relação conjugal ganha destaque entre os relacionamentos significativos dos indivíduos.

Na contemporaneidade, a ordem cultural valoriza demasiadamente os laços afetivos. A necessidade de estar com o outro é uma característica típica do ser humano. Essa necessidade tem início a partir das primeiras relações vivenciadas com as figuras parentais (Machado, 2007). Com efeito, os relacionamentos íntimos são aspectos centrais da vida adulta e a qualidade dos mesmos tem implicações diretas na saúde emocional e física dos indivíduos.

Os resultados encontrados indicam que a família de origem exerce extrema influência no processo de escolha do cônjuge. Percebemos que, muitas vezes, as mulheres buscam parceiros que se assemelhem de alguma forma ao pai, tanto nas características físicas quanto nas de personalidade. Notamos que a conjugalidade dos pais serve de modelo para o casamento dos filhos que buscam um parceiro que possua características semelhantes àquelas presente nos genitores, reproduzindo, deste modo, o mesmo modelo de casamento. Todavia, quando a conjugalidade presente na família de origem é conflituosa, ela passa a ser um modelo evitado. Convém sublinhar que o conflito é inerente às relações humanas, ou seja, é, também, um fenômeno característico da vida a dois. Assim, um relacionamento conjugal considerado satisfatório não necessariamente é uma relação livre de conflitos.

Além disso, notamos que a escolha amorosa na contemporaneidade é influenciada pelas transformações ocorridas nos contextos socioeconômico e cultural. A independência financeira das mulheres tem favorecido uma maior liberdade de escolha para elas. Contudo, a liberdade de escolha amorosa, pautada apenas no desejo e na felicidade, pode fragilizar a relação conjugal, uma vez que não há mais laços tão permanentes que mantenham o casal unido, como dependência econômica entre os cônjuges. Dessa forma, a relação conjugal pode se desfazer quando as expectativas depositadas no parceiro e na relação não mais forem atendidas.

Os resultados também sugerem que o respeito à individualidade de cada membro do casal é imprescindível para a satisfação conjugal. Quando os parceiros têm espaço para

exercer sua individualidade e seus interesses particulares, viver a dois torna-se mais fácil. Assim, concluímos que quando a alteridade do parceiro é respeitada, há o aumento do nível de satisfação no casamento. Por outro lado, percebemos que, mesmo com a intensa valorização da liberdade individual, os parceiros também preservam e valorizam os momentos a dois. Observamos, também, que a intimidade da vida conjugal como um todo, relacionada a momentos de diálogo, compreensão e brincadeiras, recebe grande ênfase, enquanto a frequência da intimidade sexual parece pouco intensa.

Face às inúmeras transformações que o casal contemporâneo tem vivenciado, é imprescindível que na clínica com casais os psicoterapeutas tenham uma visão ampliada sobre as novas dinâmicas conjugais, visando a uma compreensão mais afinada com a realidade conjugal da atualidade. Para expandir o conhecimento acerca da escolha amorosa, investigações futuras poderão se debruçar sobre diferentes contextos socioeconômicos e distintas configurações familiares, tendo em vista que estas foram limitações do presente estudo. Além disso, a escassa literatura sobre a frequência da relação sexual como pouco intensa no casamento dificultou a discussão dos resultados encontrados.

Os resultados apresentam subsídios importantes para o planejamento e realização de outras pesquisas sobre a temática da escolha amorosa com variáveis que diferem das utilizadas neste trabalho, tais como, aplicação da pesquisa em populações de diferentes seguimentos sociais e com membros de casais que possuam filhos, entre outras. Além disto, apesar das limitações deste estudo, seus resultados colaboram para o aperfeiçoamento do manejo clínico no atendimento de casais, uma vez que realçam as transformações vivenciadas na dinâmica dos membros do casal contemporâneo.

Referências bibliográficas

- Almeida, T. (2014). Processo da escolha conjugal sob a perspectiva da psicanálise vincular. *Pensando famílias*, 18(1), 3-18.
- Alves, M. P., Seixas, J. A. (2015). Liberdade e individualidade: diálogos contemporâneos com (e a partir de) Max Stirner. Dissertação de Mestrado. Ed. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Andolfi, M. (2002). *A crise do casal: uma perspectiva sistêmica relacional*. Tradução: Lauro Kahl, Gioovanni Menegoz. Porto Alegre: Artmed.
- Ângelo, C. *A escolha do parceiro*. (1995). In M. Andolfi, Ângelo, C & Saccu C. (Orgs.), *O casal em crise*, São Paulo: Summus, p. 47-57.
- Anton, I. L. C. (2012). *A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2008a). *Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Berezkei, T., Gyuris, P., Koves, P., & Bernath, L. (2002). Homogamy, genetic similarity and imprinting: parental influence on mate choice preferences. *Personality and Individual Differences*, 33 (5), 677-690.
- Bolze, S. D. A., Schmidt, B., Crepaldi, M. A. & Vieira, M., L. (2013). Relacionamento Conjugal e Táticas de Resolução de Conflito entre Casais. *Actualidades en Psicología*, 27 (114), 71-85.
- Borges, C. C., Magalhães, A. S. & Féres-Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(3), 89-103.
- Bowen, M. (1991). *De la família ao indivíduo*. Barcelona, España: Paidós.
- Campos, S. O., Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2017). Transformações da conjugalidade em casamentos de longa duração. *Psicologia Clínica*, 29(1), 69-89.
- Carrara, S. (2015). Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo. *Mana*, 21 (2), 323-345.

- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* [2ed]. Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, T. A. M. (2014). Determinantes da satisfação conjugal: felicidade, bem-estar subjetivo, personalidade e satisfação conjugal. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa.
- Chaves, J. C. (2016). Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 320-330.
- Correa, O. B. R. (2013). *Crises e travessias nas diversas etapas de vida do casal e do grupo familiar*. Petrópolis, KBR, 2ª Edição.
- Costa, C. B. & Mosmann, C.P. (2015). Relacionamentos conjugais na atualidade: percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 16-31.
- Coutinho, R. Z. & Miranda-Ribeiro, P. (2014). R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, 31(2), 333-365.
- Dall'Aqua, C. B. & Meneses, M. P. R. (2014). *Influências sociais e familiares na formação da identidade conjugal*. São Leopoldo, Unisinos.
- Diniz Neto, O., & Feres-Carneiro, T. (2005). Psicoterapia de casal na pós-modernidade: Rupturas e possibilidades. *Estudos de Psicologia*, 22(2), 133-141.
- Eiguer, A. (1984). *La thérapie familiale psychanalytique*. Paris: Dunod.
- Eiguer, A. (2009). *Les mythes de la famille et du thérapeute familial et leur déconstruction*. Le Carnet PSY, 3 (134), 31-35.
- Eiguer, A. (2013). *Desentendimento de casal e luta pelo reconhecimento*. In: Gomes, I. C. & Levy, L. (Orgs.) Atendimento psicanalítico de casal, 1, 44-60.
- Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. (2005). Passando a história a limpo: o impacto das experiências na família de origem na conjugalidade. In A. Wagner (Org.), Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares (pp.67-79). Porto Alegre: Edipucrs.
- Féres-Carneiro, T. (1987). Aliança e Sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3, 250-261.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 11(2), 379-394.

- Féres-Carneiro, T. (2014). Construindo saberes em psicologia: o desafio de articular diferentes teorias e práticas. *Temas em Psicologia*, 22(4), 953-964.
- Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. S. (2005). Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Família e casal: Efeitos da contemporaneidade* (111-121). Rio de Janeiro: Ed. PUCRJ.
- Ferreira, M. A. & Schultz, T. (2005). *Atributos que definem a escolha de um parceiro na busca de um relacionamento amoroso*. Curitiba.
- Ferreira, S. I, Pedro, M. F. & Francisco, R. (2015). Entre marido e mulher, a crise mete a colher: A relação entre pressão econômica, conflito e satisfação conjugal. *Psicologia*, 29(1), 11-22.
- Fleury, I. H. J. & Abdo, C. H. N. (2016). Terapia de casal para superar disfunções sexuais. *Diagn Tratamento*, 21(1), 45-8.
- Fontainhas, I. M. (2016). *O diálogo mudo dos corpos: Representações de casais heterossexuais acerca da sexualidade e das práticas sexuais*. Universidade do Porto.
- Foucault, M. (1988) *História da Sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Freitas, C. (2013). *Divórcio, vinculação aos pais e irmãos: Desenvolvimento do processo resiliente e bem-estar psicológico*. Dissertação de mestrado não-publicada. Departamento de Educação e Psicologia Clínica, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Freud, S. (1914/2006). *Totem e tabu*. In S. Freud, *Obras completas, Edição Standard Brasileira*, 13. Rio de Janeiro: Imago.
- Frosh, S. (2009). *What does the Other want? Systems and psychoanalysis: Contemporary integrations in family therapy*, 185-202.
- Gadea, M. S. C. & Leite, C. (2016). A afetividade contemporânea e sua relação com a individualidade e a construção do sujeito na modernidade. *Estudos de Sociologia - ISSN: 2317-5427*, 1(22), 49-84.

- Galvão, J. A. Alencar, H. M. & Alves, A. D. (2017). Perspectivas futuras sobre os relacionamentos amorosos de mulheres de duas diferentes gerações. *Pensando Famílias*, 21(2), 89-104.
- Geher, G. (2000). Perceived and actual characteristics of parents and partners: a test of a freudian model of mate selection. *Current Psychology*, 19(3), 194-213.
- Giddens, A. (1992). *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. 2ª reimp. São Paulo: Editora UNESP. ISBN 857139-037-1.
- Gomes, A. I. B., Gouveia, V. V., Júnior N. A. S., Coutinho, M. L. & Santos, L. C. O. (2013). Escolha do (a) parceiro (a) ideal por heterossexuais: são seus valores e traços de personalidade uma explicação? *Psicologia. Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 26(1), 29-37.
- Gomes, I. C. & Paiva, M. L. S. C. (2003). Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? *Psicologia em Estudo*, 8 (número especial), 3-9.
- Gouveia, V. V., Gonçalves, M. P., Gomes, A. I. A. B., Freires, A. L. & Coelho, J. A. P. M. (2014). Construção e validação da escala de atributos desejáveis do(a) parceiro(a) ideal. *Avaliação Psicológica*, Itatica, 13(1), 105-114.
- Heilborn, M. L. (2006). Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(1), 336.
- Henriques, M. I. G. & Gomes, I. C. (2005). Mito familiar e transmissão psíquica: uma reflexão temática de forma lúdica. *Psychê*, Ano IX, n. 16, São Paulo, 183-196.
- Hernandez, J. A. E. (2014). Evidências de validade da Escala de Avaliação do Relacionamento. Campinas. *Estudos de Psicologia*, 31(3), 327-336.
- Kaës, R. (2001). O sujeito da herança. In R. Kaës; H. Faimberg et al. (Orgs.), *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (pp. 9-25). São Paulo: Casa do Psicólogo. Lins, R. N. (2012). *O livro do amor*. Volume 2. Rio de Janeiro: BestSeller.
- López, V. F. (2018). *Liberdade a dois: democracia nos relacionamentos contemporâneos*. Appris Editora e Livraria Eireli, ME.
- Macedo, A. (2017). Escolhendo escolher: motivos e expectativas com relação ao casamento. *Temas em Educação e Saúde*, 13(2), 209-223.
- Machado, L. M. (2007). *Satisfação e insatisfação no casamento: os dois lados de uma mesma moeda*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Magalhães, A. S. (2003). Transmutando a individualidade na conjugalidade. In: Féres-Carneiro, T. (Org) *Família e Casal: Arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola, 205-218.

- Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro T. (2007). Transmissão psíquica geracional: um estudo de caso. In T. Féres-Carneiro (Eds.), *Família e casal: Saúde, trabalho e modos de vinculação* (pp.341-364). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T. & Gorin, M. C. (2013). Construção da demanda em terapia de casal: “cuidar de nós, cuidar de ti e cuidar de si”. In.: Gomes, I. & Levy, L. *Atendimento psicanalítico de casal*. Rio de Janeiro, Zagodoni, 15-27.
- Martucelli, D., & Singly, F. (2012). *Les sociologies de l'individu: domaines et approches*. Paris: Armand Colin.
- Mesquita, I. (2013). *Disfarces de Amor: Relacionamentos Amorosos e Vulnerabilidade Narcísica*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Mosmann, C. P., Levandowski, D. C., Costa, C. B., Zordan, E. P., Rosado, J. S., & Wagner, A. (2015). *Qualidade conjugal: Como os casais avaliam seu relacionamento?* In A. Wagner, C. P. Mosmann, & D. Falcke (Orgs.), *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade* (pp. 19- 32). São Leopoldo, RS: Sinodal.
- Neumann, A. P., & Wagner, A. (2017). Reverberações de um Programa de Educação Conjugal. *Paidéia*, 27(Suppl. 1), 466-474.
- Neves, S. D. (2015). O casal e as relações de parentesco por afinidade: os sogros. Tese de doutorado. Universidade Católica de Salvador.
- Ozório, C. D., Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. S. (2017). Casamento dos pais e conjugalidade dos filhos: do modelo tradicional ao contemporâneo. *Pensando famílias*, 21(1), 20-32.
- Palermo, F. R., Magalhães, A. S, Féres-Carneiro, T. & Machado, R. N. (2016). Espaço potencial conjugal: Um estudo sobre o empobrecimento do laço conjugal. *Cadernos de Psicanálise – SPCRJ*, 32(1), 33-42.
- Paura, M. D. C. & Gaspar, D. (2017). Os relacionamentos amorosos na era digital: Um estudo de caso do Site Parperfeito. Juiz de Fora, *Estação Científica*, 17.
- Pereira, I. S. A. & Silva, J. C. (2013). Escolha conjugal feminina: uma análise intergeracional segundo uma perspectiva crítica em psicologia. *Psicologia em Estudo*, 18 (3), 407-417.
- Pincus, L. & Dare, C. (1981). *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Puget, J. & Berestein, I. (1993). *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Quissini, C. & Coelho, L. R. M. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando famílias*, 18(2), 34-47.

- Quissini, C. & Coelho, L. R. M. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando famílias*, 18(2), 34-47.
- Rolim, K. I. & Wendling, M. I. (2013). A história de nós dois: Reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade. *Revista Psicologia Clínica*, 25(1), 165-180.
- Rosado, J. S. & Wagner, A. (2015). Qualidade, ajustamento e satisfação conjugal: revisão sistemática da literatura. *Pensando família*, Porto Alegre, 19(2), 21-33.
- Rosset, S. M. (2014). *O casal nosso de cada dia*. 3º edição. Editora Artesã: Belo Horizonte.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Schlösser, A. (2014). Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da psicologia positiva. *Pensando famílias*, 18(2), 17-33.
- Scorsolini-Comin, F. (2014). Aconselhamento psicológico com casais: interlocuções entre Psicologia Positiva e abordagem centrada na pessoa. *Contextos Clínicos*, 7(2), 192-206.
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2010). Satisfação Conjugal: Revisão Integrativa da Literatura Científica Nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-531.
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2011). Ajustamento Diádico e Satisfação Conjugal: Correlações entre os Domínios de Duas Escalas de Avaliação da Conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 439-447.
- Secco, M. L. & Lucas, M. G. (2015). A vida amorosa de mulheres financeiramente independentes. *Pensando famílias*, 19(1), 61-76.
- Silva, M. M. S. & Mesquita, I. (2017). *O amor enquanto potencial salvador ou carrasco do desenvolvimento do self: Impacto das relações de objeto, necessidades do self e recursos mobilizadores para a escolha de um par amoroso*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Évora.
- Souza, D. C. (2017). O olhar da terapia cognitiva focada em esquemas sobre relacionamentos afetivo-sexuais. *Revista Amazônica*, Ano 9, 19(2), 140-168.
- Thorstensen, S. (2017). Psicanálise de casal e sexualidade: um certo desencontro. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(2), 65-76.

- Winnicott, D. (1958). Desenvolvimento emocional primitivo. *Da pediatria à psicanálise*. Obras escolhidas. Imago, Rio de Janeiro, 1971, 218-233.
- Zanetti, S. A. S. & Gomes, I. C. (2012). 60 Estudos Interdisciplinares em Psicologia. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, 3(1), 57-74.
- Zanetti, S. A. S. & Gomes, I. C. (2013). Vínculos amorosos contemporâneos frágeis. *OMNIA Saúde*, 10, 36-45.
- Zordan, E., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56 - 76.

Anexo 1 – Roteiro semiestruturado da entrevista

I. Escolha amorosa

1. O que te levou a escolher o (a) X para viver juntos?
2. Como foi o processo, do namoro à decisão de morar juntos?
3. O que foi importante na hora de escolher o (a) X?
4. O que você esperava encontrar no (a) X?
5. E o que você acha que X esperava encontrar em você?
6. Você acha que as suas expectativas foram atendidas? Como?
7. O que você valoriza no (a) X?

II. Cotidiano do casal

8. Como é a rotina de vocês?

III. Conflitos/divergências

9. Quais são as questões que geram discordâncias entre vocês?
10. Como vocês lidam com as discordâncias?

IV. Intimidade/Sexualidade

11. Como é a intimidade de vocês?

V. Satisfação conjugal

12. Você se sente satisfeito/feliz no casamento? Como?

Tem mais alguma coisa que você acha importante falar e não falou?

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome do projeto de pesquisa de dissertação de mestrado:

Escolha amorosa na conjugalidade contemporânea: o encontro de duas subjetividades

Nome da pesquisadora responsável: Ana Cláudia de Jesus Vasconcelos

E-mail: anaclaudiajv@yahoo.com.br; cel: (021) 99251-5372

Nome da orientadora: Terezinha Féres-Carneiro

E-mail: teferca@puc-rio.br; cel: (021) 99111-0180

Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (CEPq-PUC-Rio) Tel.: (021) 3527-1618

Com esta pesquisa pretende-se investigar as motivações envolvidas no processo de escolha amorosa na contemporaneidade. A justificativa desta pesquisa se deve ao fato de que os resultados obtidos poderão trazer subsídios relevantes para a prática clínica com famílias e casais.

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa, realizada a partir de uma entrevista gravada e, posteriormente, transcrita. Todas as informações têm caráter confidencial, mantendo-se em sigilo a sua identidade. Após o término desta investigação, as gravações das entrevistas serão destruídas.

A sua participação é voluntária, estando você livre para fazer as perguntas que julgar necessárias, recusar-se a responder qualquer pergunta que lhe possa causar desconforto e interromper a entrevista quando assim desejar, sem qualquer constrangimento ou penalização. Considera-se que não haverá riscos para os entrevistados, no entanto, caso haja algum desconforto psicológico durante a entrevista, a entrevistadora estará preparada para o manejo da situação e, se for o caso, para interromper o procedimento e, até mesmo, para sugerir o encaminhamento para um atendimento psicológico.

Ao participar desta investigação, você estará contribuindo para um aprofundamento nos estudos sobre escolha amorosa na contemporaneidade, podendo resultar no aprimoramento do trabalho psicoterápico com casais.

O Termo de Consentimento é assinado em duas vias. Após assinadas, uma via do documento é do participante e a outra é da pesquisadora. Assinando este termo, você está autorizando a utilização das informações prestadas, em ensino, pesquisa e publicação, sendo preservada sua identidade e a dos membros da sua família.

Fui informado(a) sobre o estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas. Estou assinando voluntariamente este termo, o que indica que concordo com minha participação nesta pesquisa.

Assinatura da pesquisadora

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Rio de Janeiro, ___/___/___